

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA CURSO DE HISTÓRIA

VICTÓRIA KARINE MATTOS DOS SANTOS

PELOS BECOS DA MEMÓRIA: UM ESTUDO DA EXPERIÊNCIA NEGRO-FEMININA NA CONTEMPORANEIDADE ATRAVÉS DA LITERATURA DE CONCEIÇÃO EVARISTO, NA OBRA BECOS DA MEMÓRIA

São Luís

2021

VICTÓRIA KARINE MATTOS DOS SANTOS

PELOS BECOS DA MEMÓRIA: UM ESTUDO DA EXPERIÊNCIA NEGRO-FEMININA
NA CONTEMPORANEIDADE ATRAVÉS DA LITERATURA DE CONCEIÇÃO
EVARISTO

Monografia apresentada ao Curso de História da
Universidade Estadual do Maranhão, como parte dos
requisitos para obtenção do grau de Licenciatura em
História. Orientador: Prof. Dr. José Henrique de Paula
Borralho

São Luís

2021

Santos, Victória Karine Mattos dos.

Pelos becos da memória: um estudo da experiência negro-feminina na contemporaneidade através da literatura de Conceição Evaristo / Victória Karine Mattos dos Santos. – São Luís, 2021.

69 f.

Monografia (Graduação) – Curso de História. Universidade Estadual do Maranhão, 2021.

Orientador: Prof. Dr. José Henrique de Paula Borralho

1. Mulher negra. 2. Conceição Evaristo. 3. Escrivivência. 4. Literatura negro-feminina. 5. Becos da Memória. I. Título.

CDU 821.134.3-055.2(81)

VICTÓRIA KARINE MATTOS DOS SANTOS

PELOS BECOS DA MEMÓRIA: UM ESTUDO DA EXPERIÊNCIA NEGRO-FEMININA
NA CONTEMPORANEIDADE ATRAVÉS DA LITERATURA DE CONCEIÇÃO

EVARISTO

Monografia apresentada ao Curso de História da
Universidade Estadual do Maranhão, como parte dos
requisitos para obtenção do grau de Licenciatura em
História.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Henrique de Paula Borralho (Orientador)

1º Examinador

2º Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao Deus que me amou de tal maneira a ponto de se tornar homem para que eu conhecesse a natureza do maior amor do mundo, e através desse amor me permitiu viver e amar as pessoas nesses agradecimentos e muitas outras.

À minha rainha, meu alicerce e de quem eu herdei todas as minhas melhores qualidades: obrigada, mãe, pelo incentivo de sempre, pela companhia, por ter feito o possível para que este momento se realizasse. Te amo mais que amo gatos.

À família com a qual eu compartilho sangue e sonhos. Aos meus tios, em especial o meu pai-tio Josué, pelo incentivo, pela ajuda de sempre, por não me permitir desistir, pelo exemplo, e por sempre ter me proporcionado, desde pequena, o acesso à cultura.

Obrigada por tudo, meu pai Marcio, e um obrigada mais mais que especial aos meus avós, Manuel e Aracy, se um dia eu me casar, espero que seja tão lindo quanto o relacionamento de vocês. Obrigado por fomentarem a minha educação e tornar o sonho da graduação uma realidade.

Às minhas tias, pelos sorrisos, pelas inspirações, por serem mulheres partes de mim, pelas comidas sempre gostosas, pelas histórias e pelas orações. Em especial, a Tia Josy e Jaqueline, amo vocês.

Aos meus primos, por serem minhas companhias de conversas. A minha Santa Amanda, a primeira de nós a se formar, para quem eu de brincadeira rezei por anos, está feito o teu primeiro milagre, a Manu e Ingrid, minhas priminhas mais novas, pois para vocês me dedico a ser bom exemplo, que meus avós Às vocês alcancem voos ainda mais altos que os meus.

Minhas intercessoras incessantes, minha avó Ivanilda, mulher de fé, e a sua irmã, minha tia-avó Valdenea, por ser amiga e conselheira, obrigada as duas por sempre orarem por mim e me abençoarem a todo momento.

Sou grata a família que a vida me deu através da amizade, com a qual compartilho momentos e o amor mútuo. Às minhas amigas mais antigas, Diandra e Alzira, por tornarem meus dias coloridos desde o Fundamental, que continuemos crescendo juntas até o fim da vida. As minhas amigas mais recentes e nem por isso menos queridas, obrigada por serem meu esquadrão antibombas mais que competente, por me incentivarem, socorrerem nos momentos de maior tensão, pelos conselhos, por dividirem comigo e também uma com a

outra a sua vida. Amo todas vocês, juntá-las todas num grupo foi a minha melhor decisão, Jana, Lígia, Rhue, Juliana, Fernanda e Alda, não sei o que faria sem vocês.

Aos meus amigos da UEMA, companheiros de jornada com os quais dividi bons e maus momentos, está chegando ao fim nosso tempo de universitários, mas espero que seja só o início da nossa linda amizade, obrigada aos meus cinéfilos favoritos, que assistem mais vídeos de comida de rua do que filmes, por me aguentarem surtando pela faculdade durante todos esses anos. Junior, Eduardo, Victor e Alda (mais uma vez), foi um prazer inenarrável chegar até o fim desse doloroso processo universitário com vocês, meus amores.

Aos meus professores da Universidade Estadual do Maranhão, pela oportunidade de aprender mais de história e de tantas outras coisas, em especial meu orientador Henrique Borralho, que sempre topou minhas ideias, mesmo quando decidi mudar drasticamente de tema de pesquisa, obrigada também por não me permitir desistir, pelas conversas, conselhos e sessões de terapia gratuita a cada encontro.

À Universidade Estadual do Maranhão, minha amada Fazendinha, instituição a qual decidi representar com orgulho, pela oportunidade de crescimento e evolução.

A mim, que lutei bravamente nos dias nos quais a depressão quis tragar a minha vida e, que me forcei a escrever nos dias que até sair da cama parecia impossível. Só eu e Deus sabemos o quanto eu chorei e me esforcei para fazer da conclusão deste curso e deste trabalho monográfico uma realidade, mesmo nunca achando que conseguiria. Você conseguiu, Victória, obrigada por trabalhar duro, você merece uma vez na vida demonstrar amor por si mesma e se lembrar disso.

“Quando falamos da História do povo negro sempre nos lembramos da violência inenarrável da escravidão, mas não devemos nos esquecer de que nas lutas pela sobrevivência sempre estiveram presentes a criação de alegria, da beleza e de prazer. Estes são os presentes do povo negro para o mundo”.

Angela Davis

RESUMO

A literatura negra, especialmente a realizada por mulheres, vem finalmente ganhando foco no cenário acadêmico brasileiro. As discussões realizadas pela literatura negro-feminina abrangem vários âmbitos da realidade afrodiáspórica vivida pela população afrodescendente no Brasil, dentre elas, a questão da pobreza, do sexismo, do abandono afetivo, da discriminação racial, da baixa estima da população negra, da hipersexualização dos corpos negros, da herança africana, da ancestralidade e demais assuntos que percorrem o cotidiano dos afrodescendentes no Brasil. Uma das autoras de maior relevância acadêmica no momento é a mineira Conceição Evaristo, mulher negra, oriunda de uma favela em Belo Horizonte, filha de mãe lavadeira, professora, doutora em Letras e escritora por vocação. Evaristo, em suas obras, procura retratar principalmente a vivência de mulheres em situações de pobreza. Este trabalho foca em *Becos da memória*, o primeiro romance escrito pela autora e o segundo a ser publicado. Nele, ela retrata aspectos do passado e do cotidiano dos moradores de uma favela que está em processo de desapropriação e demolição, chamando a atenção para vários assuntos de cunho social que atingem diretamente a população negra periférica do Brasil, sobretudo as experiências vividas pelas mulheres da obra: crianças, adolescentes, mulheres adultas, mães, tias, avós, etc. O enfoque desse trabalho é justamente estas vivências negro-femininas e a forma como elas ilustram uma realidade que se faz presente no Brasil.

Palavras-chave: Mulher negra, Conceição Evaristo, escrevivência, literatura negro-feminina, *Becos da Memória*.

ABSTRACT

The black literature, especially by women, is finally gaining focus in the Brazilian academic scene. The discussions carried out in the black-female literature cover various areas of the Afrodiaspora reality experienced by the Afro-descendant population in Brazil, including the issue of poverty, sexism, emotional abandonment, racial discrimination, low esteem of the black population, the hypersexualization of black bodies, African heritage, ancestry and other issues that run through the daily lives of Afro-descendants in Brazil. One of the authors of greatest academic relevance at the moment is Conceição Evaristo, a black woman from Minas Gerais, from a favela in Belo Horizonte, daughter of a washerwoman, a teacher, PhD in Letters and a writer by vocation. Evaristo, in his works, seeks to portray mainly the experience of women in situations of poverty. This work focuses on *Becos da Memória*, the first novel written by the author and the second to be published. In it, she portrays aspects of the past and daily life of residents of a favela that is in the process of expropriation and demolition, drawing attention to various social issues that directly affect the peripheral black population of Brazil, especially the experiences of women from work: children, teenagers, adult women, mothers, aunts, grandparents, etc. The focus of this work is precisely these black-female experiences and the way they illustrate a reality that is present in Brazil.

Keywords: Black woman, Conceição Evaristo, *escrevivência*, black-female literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. LITERATURA NEGRA EM FOCO: CONCEIÇÃO EVARISTO	15
2. OS BECOS DA MEMÓRIA EM CENA	28
3. AS EXPERIÊNCIAS NEGRO-FEMININAS EM BECOS DA MEMÓRIA	37
4. A SOLIDÃO E A HIPERSEXUALIZAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	67

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como função e objetivo discorrer a respeito das experiências negro-femininas que são ilustradas no livro *Becos da memória*, de Conceição Evaristo.

A obra de Evaristo possui um forte cunho de crítica social, e *Becos da memória* não foge desse perfil. O livro conta a respeito dos moradores de uma favela que não possui o seu nome nem localização especificados, outra característica da obra evaristiana: criar aspectos gerais de locais e pessoas de modo a não precisar denominá-los, isso porque estes são os lugares que existem não fisicamente, mas sim dentro do imaginário e da memória da autora. No caso da favela do romance, podemos dizer que faz referência à favela onde a escritora viveu a sua infância e o início da sua adolescência, mas que, contudo, não pode mais ser encontrada pois sofreu aquilo que autora chama na sua obra de "desfavelamento", que consiste na derrubada das construções de moradias que ali existiram durante décadas, para serem substituídas pela ampliação dos bairros nobres que rodeavam a favela.

É neste contexto de demolição que se encontra o primeiro romance escrito por Conceição Evaristo, apesar de não ser o primeiro a ser publicado. As "ficções de memória" dão então vida aos personagens que são protagonistas no enredo de *Becos*, como Maria-Nova, Tio Totó, Vó Rita, Maria-Velha e outros.

No primeiro capítulo, buscamos realizar um resgate histórico para promover a importância da existência e da discussão a respeito da literatura negra. Faz-se necessário elucidar o que é literatura negra, esta que é feita com um olhar afrodiaspórico, que enxerga o negro na sua essência e valoriza seus sentimentos, sua história, e principalmente as temáticas africanas que lhe são caras e que a literatura canônica, assim como tudo que faz parte da cultura branca dominante, tende a apagar.

As ficções da memória que compõem a obra escolhida são o tema do segundo capítulo do trabalho. Elas parecem quando surge na autora uma necessidade de falar sobre suas recordações das histórias e das observações que fizera durante a sua infância e adolescência, uma vez que desde pequena fora fascinada pelas histórias que lhes eram transmitidas oralmente por sua família e vizinhos amigos.

A memória da qual falamos, entretanto, não se limita as recordações da autora, assim como o termo "escrivência" não se restringe as experiências dela, mas sim de um coletivo. O exercício proposto por Evaristo é o de reconhecimento: reconhecendo outra parte da sua

realidade, ou do que ela poderia ser, exercitar o ato de se colocar no lugar do outro, como faz a própria autora.

“Estava escrevendo um livro que no centro da cena tem uma mulher. E essa mulher, a maneira dela de se comunicar com o mundo era através dos seios. Não tem pessoas que dizem ‘Ah, hoje vai chover porque o meu cálice está doendo’? Então, essa grande matriarca, toda vez que acontecesse alguma coisa com a descendência dela, os sinais viram nos seios. Ela sentiria dor nos seios, os seios dela poderiam verter água, outra hora verteria leite... e eu comecei a escrever esse romance. Eu comecei sentir dores nos seios, aí eu mudei o rumo da prosa. Esse romance ficou vários anos esquecido [...] eu não vou brincar com os seios dessa personagem, fiquei com receio, realmente. Biliza quando eu estava escrevendo Biliza também, a cena que ela apanha do marido dela, graças a Deus eu nunca apanhei de homem nenhum, nem de marido, nem de pai, nem nada. Mas a cena que essa mulher está sendo esbofetada pelo marido, eu escrevo essa cena chorando. Há um momento de uma tensão, de uma amargura tão grande, que eu tenho que levantar, respirar um pouco e voltar escrever a cena”. (EVARISTO, 2020)¹

O preconceito, a discriminação com o ser negro ficam ainda mais evidente e alarmante quando em conjunto com a prática do machismo. As heranças deixadas pelo patriarcado que dominou toda a construção da sociedade brasileira a partir da invasão colonial, juntamente com as questões raciais impostas que fomentaram as ideologias do período da escravidão, formaram uma sociedade que demonstra à mulher negra o seu lado mais hostil.

Na obra de Evaristo, vemos diferentes personagens negras com as mais variadas trajetórias de vida e a que estes enredos lhe levaram. Importante ressaltar essa variedade de personagens justamente porque se tem muito difundida pelo senso comum a ideia de que a história do povo africano e seus descendentes é uma história única, como se a África fosse uma mesma coisa, e não continente extremamente heterogêneo, com histórias, culturas, disputas e nações extremamente diferentes. E como se também todo ser negro tivesse a mesma experiência de vida.

Evaristo procura, assim, humanizar cada personagem negro ao contar a sua vivência, uma vez que este espaço de ter a sua história narrada, de ser considerado protagonista dela própria, é uma realidade que não costuma ser da pessoa negra na ficção. Para fazer essa discussão, contamos ainda com Chimamanda Adichie, escritora e pensadora nigeriana que conta a sua experiência como mulher negra e africana que reside nos Estados Unidos.

O nosso trabalho, no terceiro capítulo, foca em dar visibilidade àquelas que protagonizam Becos da memória: mulheres de personalidades extremamente bem construídas e de passado fascinante. Cale muitíssimo ressaltar a presença de mães como algumas dessas

¹ A referência não possui indicação de página, pois não foi retirada de texto e sim de vídeo exibido pelo site YouTube, assim como as demais referências que não possuem página neste trabalho monográfico, seguindo a norma 6023:2018 da ABNT.

personagens marcantes, como é o caso de Mãe Joana, a mãe da narradora Maria-Nova, e também de Diditinha, uma das protagonistas de problemática mais relevante para este trabalho, a questão da baixa estima da população negra, referente aos seus aspectos físicos e a seu próprio modo de vida e cultura.

A questão de Ditinha, assim como a violência e a pobreza narrada em *Becos*, é mais uma que ultrapassa os muros da ficção e chega na realidade. A não aceitação da sua natureza enquanto corpo negro, enquanto pessoa de pele escura, de cabelos volumosos, nariz largo, bocas grossas e carnudas, olhos saltados ou, como chama Conceição Evaristo, olhos d'água, gera na população negra uma opressão de si próprio. O resultado é um constante descontentamento com a imagem que diariamente se reflete no espelho e que repercute na forma como esse indivíduo se relaciona com o mundo afora e com o tratamento que ele lhe oferece. Também repercute no tocante à beleza que é produzida através de cuidados, como produtos para cabelo e pele.

Os temas fortes de teor trágico são tão características da literata negra quanto a linguagem poética, mesmo quando o texto é escrito em prosa. A combinação da temática e linguagem da composição dão origem ao conceito do “brutalismo poético”, que define perfeitamente os romances evaristianos. A análise da obra proposta tem sua metodologia pautada através da tentativa de encontrar nas temáticas abordadas referências à realidade vivida por mulheres negras, sobretudo as das periferias das grandes cidades. Sendo assim, tem-se como cerne da discussão os entraves impostos pela sociedade capitalista, sexista e discriminatória às mulheres negras em situação periférica.

Tal problemática não poderia ser abordada de outra forma se não através da interpretação do olhar de uma mulher que possuiu a sua vida inteira pautada em viver e perceber a respeito da discriminação sofrida pela população negro-feminina no Brasil.

Por isso, no quarto capítulo, para corroborar com a discussão, além de Evaristo, trazemos também à tona as problemáticas elucidadas pela intelectual (palavra que não estamos acostumados a utilizar para descrever uma mulher negra), pesquisadora, professora, filósofa e antropóloga Lélia González, através do seu *Por um feminismo afro-latino-americano* (2020), no qual aborda temáticas como o negro no Brasil, a mulher no Brasil e como a mulher negra tão tem suas conquistas em nenhuma dessas duas lutas importantes e crescentes na sociedade brasileira, tendo a necessidade de criar o seu próprio movimento, o feminismo negro.

González e Evaristo nos mostram, através das suas literaturas, as dificuldades que uma mulher negra pode encontrar para existir e resistir em solo brasileiro. Os entraves iniciam logo nos primeiros anos da infância e perpassam pelo acesso (ou melhor, a dificuldade a ele) à educação de qualidade, à cultura, a condições de exercer lazer e poder transitar a vontade pelos espaços públicos sem se sentir ameaçada ou perseguida. Seja por pessoas que lhes buscam fazer o mal através da criminalidade, como por exemplo o assédio sexual e estupro, ou por situações constrangedoras promovidas por vendedores, seguranças de lojas e shoppings, e outros, que interpretam a simples presença dessa mulher como uma ameaça, associando-as diretamente à criminalidade, à prostituição, à um ser humano que, única e exclusivamente por ser negro, pode apresentar problemas ou mal estar entre os demais transeuntes do local.

Faz-se, ainda, uma discussão a respeito das dificuldades encontradas por negros, principalmente de pele retinta, para obterem linhas de produtos cosméticos que lhes abranjam ou que atendam às suas necessidades. Uma vez que a pele negra possui diferenças que devem ser respeitadas e que merecem ser estudadas para que os produtos comercializados realmente se adequem às demandas do público consumidor, percebemos ainda são muitos impedimentos ao povo negro para terem acesso a produtos que lhes sirvam adequadamente.

Ainda se propõe a elucidação a respeito da temática da solidão vivida pela mulher negra, exemplificada pela própria Maria-Nova em seus momentos dentro de sala de aula, onde se sentia só por não ver ninguém como ela, exceto uma outra menina. Mas principalmente através da história de Cidinha-Cidoca, a mulher bonita de corpo tentador que não possuía amigos, nem parentes, apenas clientes. Homens de todas as idades, de dentro e fora da favela, que almejam o lazer que o seu corpo poderia lhes oferecer.

A realidade vivida por Cidinha-Cidoca representa a solidão da mulher negra que é vista como um mero objeto para satisfazer os desejos sexuais de quem as quiser. É a mulata de corpo reboativo, que incendeia as festas de Carnaval com toda a sua sensualidade, transformando o corpo da mulher negra em um atrativo meramente sexual, sem compromissos, pois não é ela a mulher para o amor, apenas para o sexo. A mulher para o relacionamento, para o compromisso, para a afetividade, é a mulher branca, ou mais próximo possível desta característica fenotípica.

A hipersexualização da mulher negra é uma das discussões principais desta pesquisa por conta do grande impacto ela exerce na sociedade contemporânea. A objetificação das

mulheres negras não só é um dos fatores mais intrinsecamente ligados à questão da baixa estima, como também um traço cultural responsável por exemplo pelo abandono afetivo destas mulheres, como é o caso de Mãe Joana, mãe solo na obra de Becos. Para essa discussão, mais uma vez contamos com as pautas trabalhadas por Lélia González a respeito da hipersexualização do corpo negro e sobretudo da criação da figura da mulata e de como ela é fortemente explorada durante as festas de Carnaval.

1. LITERATURA NEGRA EM FOCO: CONCEIÇÃO EVARISTO

Este trabalho monográfico parte da necessidade de conhecer e estudar a literatura negra e feminina que nasceu no Brasil a partir da segunda metade do século XX por um olhar histórico. A história da literatura brasileira traz raros exemplos de escritores negros que conseguiram conquistar um lugar de reconhecimento para si e/ou suas obras. Este contingente, que obteve sucesso em nadar contra a correnteza, entretanto, é inteiramente composto por homens. A mudança desse cenário começa a ser observada, ainda que sem tanta comoção social ou popularidade, a partir da publicação do romance *Ursula*, de Maria Firmina dos Reis.

A segunda metade do século XX é caracterizada pela efervescência dos movimentos negros no Ocidente, sobretudo nos Estados Unidos. A década de 1950 foi profundamente recheada de atos e protestos que inspiraram a mobilização coletiva na luta contra a discriminação racial, dentre as personalidades envolvidas, destaca-se o emblemático pastor Martin Luther King e a costureira Rosa Parks, que virou símbolo do ativismo e resistência negra ao ser presa por se recusar a levantar de seu assento no ônibus para cedê-lo a uma pessoa branca. Em solo brasileiro, destaca-se o surgimento dos grupos *Negrícia Poesia e Arte de Crioulo* (1982) e *Quilombo hoje* (1980), ambos fundamentais para a formação e primeira divulgação dos escritos de Conceição Evaristo, participante dos dois grupos e também objeto de pesquisa deste trabalho.

O período supracitado também imprime em sua história a marca do feminismo, movimento forte e persistente que ao longo das décadas coleciona conquistas árduas pelos direitos e igualdade das mulheres. O direito ao voto, concedido em 1932, é provavelmente o mais importante deles. Desde então, a luta se amplificou e ramificou em diferentes nichos buscando atender às demandas pautadas pelos movimentos, que se dividiam principalmente em direitos e participação política e independência socioeconômica, que entre outras vitórias, podemos citar o direito de portar cartões de crédito, em 1974, e o direito de se divorciarem, em 1977.

O feminismo negro nasce para abarcar o que as duas causas tinham em comum, mas não conseguiram abraçar: as mulheres negras. Vítimas de dupla discriminação, racial e de gênero, era necessário dar às mulheres negras espaço próprio para que suas vozes fossem ouvidas, uma vez que a falta de representatividade de mulheres negras inclusive dentro dos movimentos de raça e gênero era uma situação constante.

No Brasil, este foi um dos principais enfoques do feminismo negro: conquistar dentro da sociedade espaços para que mulheres negras fossem vistas, ouvidas, prestigiadas e sobretudo respeitadas. Um desses espaços é a literatura, majoritariamente masculina e branca e, quando não, feminina branca ou masculina negra. Fez-se e faz-se necessário, portanto, reivindicar e ocupar o espaço literário, inaugurar um espaço textual feito por e para mulheres negras, e população negra num geral, e colocar essas escritoras em foco, tentativa realizada através desse trabalho e da própria literatura de Conceição Evaristo.

A escrita negra é constantemente deslegitimada através do discurso de que se não existe uma literatura branca propriamente, dita por que existiria ou se deveria existir uma literatura negra? Entretanto não é necessário um grande procura para se perceber que a literatura brasileira canônica, aquela que é considerada clássica e é difundida nos livros didáticos e na história da literatura brasileira ensinada nas escolas, é majoritariamente composta por homens brancos e ricos como autores e que por muito tempo beberam da fonte da literatura europeia, uma vez que era extremamente comum que a formação acadêmica dos filhos de famílias ricas fossem realizados em solo europeu.

Nessas literaturas clássicas, o negro não possui espaço, em algumas sequer aparecem. Quando surgem como personagens, ocupam um lugar de subalternidade, de exclusão social, de vilania ou criminalidade, tendo, portanto, a sua humanidade, as suas características sociais reduzidas a um estereótipo colonialista que é extremamente cruel a olhar para grupos étnico-raciais não brancos, sobretudo a população afro e sua descendência.

A literatura negra exerce, assim, um confronto com esta dita literatura canônica, uma vez que ela é feita por e para pessoas negras. Possuem diferenças relevantes quanto aos aspectos que a constituem inclusive na sua linguagem e também nas temáticas abordadas, que remetem a uma característica ancestral, sobretudo ligada a questão diaspórica do grande sequestro em massa promovido pelo sistema escravista, e também ao banzo, esse sentimento profundo de saudade da terra-mãe africana.

“No caso da negritude, da identidade do povo negro, e aqui em especial, na diáspora brasileira, a subjetividade perpassa por fortes tradições, que unem a comunidade africana diaspórica e proporcionam um laço maternal com o continente africano, além de passar pela vivência dessa comunidade diaspórica na sociedade brasileira. Mbembe (2014) afirma que, apesar da dispersão, uma longa tradição de co-identificação e de respeito mútuo caracteriza as relações dos negros entre si.

A literatura afrodiaspórica em território brasileiro é, portanto, uma evidência do quão significativas são as identidades culturais para um povo; de como as manifestações de arte e cultura são também manifestações de luta e instrumentos de recuperação e reconstrução, descolonização e afrocentricidade em foco, onde o

passado é antes da escravização e o futuro não tem limitações ou direções eurocentradas”. (BRITO, 2021, p. 22)

A mineira Maria da Conceição Evaristo de Brito cresceu em uma favela vizinha a uma zona de classe média de Belo Horizonte, aprendeu muito cedo, na prática, o que era desigualdade social, principalmente quando visitava com a mãe e com a tia as casas das patroas para quem prestavam serviços domésticos, geralmente como lavadeiras e, posteriormente, quando adentrava a casa dos próprios patrões, quando ainda na infância ingressou no trabalho doméstico. Entretanto, desigualdade socioeconômica não foi o único elemento que a rodeou, também havia palavras, não livros, mas histórias que lhes eram contadas sobretudo por sua mãe e sua tia, falas que alimentaram a memória e a imaginação da futura escritora.

A vida de Conceição resultou em suas obras, uma mistura de memória e ficção que a autora chama de Escrevivência. É do seu interesse criar personagens que se inserem na sua própria realidade, muitas vezes inspirados em cenas ou pessoas que vê no seu cotidiano e em si própria. Pode-se afirmar, portanto, que toda obra evaristiana tem certo teor autobiográfico, por mais que seja invenção, fruto da mente criativa da doutora em literatura comparada, pela Universidade Federal Fluminense.

“O que me interessa é justamente tentar abarcar essas cenas do cotidiano, e eu quero cenas do cotidiano em que eu construa personagens que tem a ver comigo, tem a ver com a minha experiência. Se não uma experiência particular, uma experiência coletiva, e aquele menino negro que está ali vendendo amendoim é um menino que poderia ser meu filho, meu sobrinho, é um menino que eu conheço da favela ande eu dava aula. E aí agora eu me lembrei de interpretação de Elza Soares, do Guri, e, uma das interpretações a Elza vai dizer ‘o guri sou eu’, mais ou menos isso. Então esse é um processo criativo que nasce de dentro.” (EVARISTO, 2020)

Becos da memória é o romance mais autobiográfico da autora. Escrito em 1988, o texto passou quase vinte anos engavetado até ser publicado em 2006. O livro conta sobre uma favela cujo nome não é revelado, bem como o local onde está inserida, o foco da literatura está em seus moradores, homens, mulheres, crianças, idosos com narrativas a serem contadas através da percepção de Maria Nova, a narradora de Becos. Nossa heroína é, de acordo com a própria Conceição, a personagem que mais possui semelhanças com ela própria. O teor autobiográfico da obra, porém, não se restringe a esta personagem: os tios que cuidam da menina, o casal Maria velha e Tio Totó nada mais são representações dos tios que a acolheram em sua casa, já que não possuíam filhos e poderiam ajudar a desafogar a casa de sua mãe, cheia com seus oito irmãos.

No texto, a favela de Becos passa por uma experiência que também faz parte da história da escritora, o processo que ela chama de “desfavelamento”. Este é o contexto no qual os personagens estão inseridos, responsável por gerar tensão em toda a obra, juntamente com as situações paralelas de alegria e, sobretudo, tristeza, que os moradores são impostos na sua jornada de vida particular. Fica evidente, portanto, os dois confrontos nos quais os elementos da história se deparam: os individuais e o coletivo, imprimindo uma das marcas da literatura evaristiana, sempre preocupada em mostrar a experiência, a memória, o sofrimento de um coletivo no qual ela se sente inserida.

Os personagens são responsáveis por desenvolver diversas temáticas que rondam a realidade das regiões periféricas das áreas urbanas no Brasil: a desigualdade social entre a favela e os bairros vizinhos, a violência doméstica, o tópico sensível da exploração sexual infantil, a sexualização do corpo do homem e sobretudo da mulher negra, a falta de representatividade de pessoas negras em posições de destaque e dentro do espaço da educação formal, dentre outros aspectos.

Além destes elementos que revelam as mazelas da vida árdua na favela, é importante destacar que Evaristo não tem a intenção de transformar esses sujeitos em vítimas, mas sim evidenciar sua humanidade, o que inclui uma qualidade que permeia a maioria de seus personagens: a resiliência. A autora, portanto, busca desenvolver também outras características de suas personagens, a perseverança, a habilidade de vencer as adversidades, a subversividade ante as injustiças sociais, a noção de comunidade, de coletividade, de atenção para com a próxima geração através da educação, não só a formal da escola, mas a da vida, através do compartilhamento de suas experiências.

A literatura de Conceição Evaristo entrou em foco após o seu primeiro romance publicado, *Ponciá Vicêncio*, tornar-se leitura obrigatória no vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais, em 2008. Até então pouco popular, tendo em vista a dificuldade financeira em realizar impressões de muitos volumes das suas obras, os escritos de Evaristo finalmente ganharam a atenção dentro e fora do mundo acadêmico, juntando-se ao rol de autores estudados que fazem parte da chamada literatura de militância.

A maioria dos trabalhos a respeito da obra evaristiana encontram-se no campo das Letras, área de formação da própria autora, entretanto, o cunho social, econômico, cultural e identitário, além da ideia de memória sempre presente em seus escritos, a torna um prato cheio dentro do debate historiográfico. Este inclusive é um espaço que a autora busca

reivindicar com seus escritos, como fala em entrevista concedida ao canal Leituras Brasileiras, em 2020

“[...] no caso dessa literatura que nós criamos, esse discurso ficcional chega justamente cobrindo certa lacuna. O que a História não nos oferece, estou falando História ciência, o que a História não nos oferece, a literatura, ela pode oferecer. Esse vazio histórico, ele é preenchido pela ficção”. (EVARISTO, 2020)

Pode-se dizer, portanto, que as obras de Conceição são uma tentativa da autora de preencher lacunas deixadas pela Historiografia brasileira, assim como um esforço para trazer enfoque às populações comumente ignoradas na sociedade, haja vista a grande discriminação de cor e de gênero que ainda permeia a sociedade contemporânea.

Este trabalho é uma iniciativa de atender à pretensão de Evaristo, de preencher o vazio histórico a respeito da vida das pessoas de cor, em especial as mulheres negras, através da sua própria literatura, sua ficção. Para realizar esse esforço, fora escolhido o romance *Becos da Memória*, por ser, como o próprio nome sugere, uma composição que busca colocar em foco a experiência de vida da própria autora, misturando memória e ficção e criando o termo caro para descrever a literatura de Evaristo, “escrevivência”.

Buscamos, neste trabalho, realizar uma abordagem interdisciplinar, tendo como enfoque a relação entre história e literatura. Partindo deste princípio, a conversação com a história cultural é a base metodológica para o desenvolvimento da pesquisa. Baseado no que diz Barros a respeito desta abordagem historiografia, tem-se dois elementos centrais que nos ajudam a interpretar a fonte, no caso deste estudo o livro *Becos da Memória*, em seu contexto histórico, uma vez que essa inserção é fundamental para compreender o objeto em uma análise mais precisa. Sobre isto, o autor comenta:

A produção de um bem cultural, como um livro ou qualquer outro, está necessariamente inscrita em um universo regido por estes dois pólos que são as práticas e as representações. Para além disto, um livro pode ser o veículo de determinadas *expressões* culturais, conforme seja uma obra literária ou ensaística, e seu discurso pode ensejar certa visão de mundo [...]. (BARROS, 2005, p.9)

Interpretamos, portanto, a obra literária evaristiana selecionada como uma representação das práticas sociais existentes no contexto no qual se insere a autora e a própria obra: o cotidiano negro dentro de uma favela em área urbana. Tal observação concorda com a fala da própria autora, insistente na afirmação de que ao mesmo tempo que nada que escreve é mentira, também não é verdade, mas sim resquícios de memória emendados, completados, pela imaginação dela mesma.

O produto desta memória-ficção, *Becos*, surge então como uma maneira de expressar uma cultura, ou melhor, uma contracultura que não é e não se sente valorizada pela sociedade da qual participa, com o objetivo de, como fala Assunção Barros, ensejar a sua própria visão de mundo, reivindicando seu espaço dentro do discurso identitário brasileiro e contrapondo a visão elitista e excludente que domina o cenário intelectual e cultural das grandes massas.

Tendo em vista a vasta variedade de assuntos importantes de se discutir na sociedade brasileira, *Becos da Memória* se consagra como uma das literaturas atuais de maior importância quando se trata de militância negro-feminina, para muitos considerado leitura obrigatória para todos os públicos, a partir do juvenil. É buscando valorizar a riqueza temática do livro que este trabalho pretende se debruçar no mesmo, acreditando que este debate pode muitíssimo contribuir para as causas sociais e a construção de um Brasil mais consciente, inclusivo e respeitador da vida negra, da vida feminina, da vida que cresce em meio à realidade cruel dos milhares de becos das favelas brasileiras.

Maria da Conceição Evaristo Brito, mineira de Belo Horizonte, nasceu no ano de 1946. Segunda filha da humilde dona Joana, viveu os primeiros anos de sua vida na favela do Pendura saia, juntamente com sua mãe, irmãos e padrasto, a quem atribui a sua paternidade, uma vez que pouco sabe ou teve contato com seu pai biológico.

Localizada em uma área valorizada de Belo Horizonte, vizinha de áreas de classe média, a favela onde residia a família Evaristo foi sendo pouco a pouco derrubada afim de prolongar a avenida principal e construir novos prédios que não abrigariam quem por tanto tempo ocupou aquela região. Os becos barracos e vielas pelos quais andava e crescerá a pequena Maria deixaram então de existir fisicamente e ganharam lugar cativo na memória afetiva da menina, eternizada nas invenções que dá a luz a favela de becos que também se encontra no contexto que altura chamou de desfavelamento

Após sete anos de idade, foi morar com a sua tia Maria Filomena e o tio Antônio João, o Tio Totó, ambos reinventados na obra que se pretende analisar neste estudo: *Becos da Memória*, como o casal Maria velha e tio Totó, que cuidam da observadora sobrinha Maria nova

Ainda na infância, Conceição Evaristo iniciou sua vida no trabalho doméstico, ajudando sua mãe Joana (também reinventada em *Becos*) e sua tia Filomena em seus ofícios como lavadeira. Crescera numa casa sem livros, porém cheia de histórias, do ato da escrita e

de incentivo aos estudos, exigência da mãe rigorosa preocupada com futuro de Conceição e seus oito irmãos.

A relação da autora com a escrita pode ser encontrada através do artigo *Da grafia-desenho de Minha Mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita*, no qual ela relata a respeito da simpatia ancestral feita por sua mãe, onde o graveto fazia a função de lápis e a terra de papel e o símbolo escrito era o texto que tinha a função de chamar o sol, imprimindo na terra o desespero da lavadeira que em meio a chuva não conseguia fazer com que as roupas secassem com a mesma eficiência, retardando o trabalho e também o pouco dinheiro que receberia por ele.

A função utilitária da escrita também logo fora descoberta pela Conceição menina, das listas das peças entregues e lavados líderes na cozinha das patroas, momento que autora considera constrangedor. Além deste, um outro legado de mãos lavadeiras as foram armazenados na sua mente: sua tia Maria Filomena tinha o costume de anotar resumidamente datas e eventos que considerava importante, como acontecimentos sociais, religiosos e de economia doméstica. Este hábito, no futuro, seria da própria Conceição que atribui a estes exemplos, aos esforços das mãos lavadeiras de sua mãe para os seus estudos, e as histórias que ouvira e vira na sua casa e adjacências, a gênese da sua escrita

Quanto a sua educação formal, a trajetória não fora menos difícil ou interessante: aos doze anos ganhou seu primeiro Prêmio Literário, como vencedora de um concurso de narração sobre o tema “Por que me orgulho de ser brasileira?”. Nem esta conquista, entretanto, foi lhe entregue facilmente, pelo fato de não ser considerada uma aluna bem comportada. Em sua escola, apesar da beleza da redação houve discordâncias entre os professores sobre dar a ela o primeiro. Fora necessária a intervenção favorável da professora Luzia Machado Brandão, professora que trabalhava na biblioteca, para que finalmente a menina fosse premiada.

O desejo de ser professora fez com que a jovem negra ingressasse no curso normal no Instituto de Educação de Minas Gerais, em 1971, entretanto, não bastava o diploma para conceder a Evaristo a oportunidade de lecionar em uma escola mineira. Não havia concurso para o magistério: era necessário que a pessoa fosse recomendada. Sua mãe, tia e ela própria possuíam contatos que poderiam ajudar, caso quisessem, pois haviam trabalhado em casas de pessoas com alguma importância e influência em Belo Horizonte, mas que não tinham nenhuma vontade de perder a sua futura lavadeira, arrumadeira, ou babá de seus filhos.

Seu ingresso no magistério só ocorreu quando ela se mudou para o Rio de Janeiro em 1973, graças a ajuda de amigos. Nesse mesmo ano, prestou concurso para trabalhar na escola primária e, dois anos depois em 1975 prestou outro concurso, desta vez para o magistério na cidade de Niterói onde foi professora de Supletivo durante 10 anos. Em 1976, ingressou no curso de letras UFRJ, realizando então uma dupla jornada: trabalho e estudo. Neste mesmo ano conheceu aquele que viria a ser seu marido e pai de sua única filha, Ainá Evaristo de Brito.

Esse episódio romântico da vida da escritora, entretanto, não ficou imune dos percalços da vida e da morte seu marido Osvaldo Santos de Brito faleceu em 1989, em Belo Horizonte, durante uma viagem de férias para passar as festas de fim de ano sua filha especial na época possuir apenas 9 anos, portadora de uma síndrome genética que que comprometeu seu desenvolvimento psicomotor, a filha seguiu o exemplo de superação da mãe ir para surpresa dos médicos que não lhe davam três meses de vida, além de sobreviver tornou-se também atleta de corrida, e vem acumulando medalhas em competições de atletismo para portadores de necessidades especiais desde então.

Ainda sobre sua educação formal, realizou o mestrado pela PUC em 1996, com a dissertação *Literatura negra: uma poética da nossa afro-brasilidade*. Em 2011, doutorou-se em Literatura Comparada pela UFF, cuja tese aborda autores africanos de língua portuguesa em confronto com a literatura afro-brasileira. Suas pesquisas desenvolvidas evidenciam a preocupação e destaque dado a literatura negra por Evaristo.

Esse interesse não partiu dentro dos muros da academia, mas sim nas ruas e praças onde se reuniam grupos para recitar e ouvir poesias e contos feitos por mentes negras no Rio de Janeiro, dentre esses grupos destacam-se o *Negricia: poesia e arte de crioulo*, e o grupo *Quilombhoje*, os quais Evaristo conheceu e tornou-se participante a partir da década de 80. Foi nas leituras públicas destes os grupos que foram exibidos de forma oral, pela primeira vez, composições da autora e, em 1990 teve seu primeiro trabalho literário publicado na 13ª edição dos *Cadernos Negros*, projeto do Quilombhoje.

Destaca-se nessa coletânea o poema evaristiano vozes-mulheres, no qual a autora fala sobre as vozes de suas ancestrais e suas experiências e expressões através da fala e a necessidade de recolher essas falas para não as deixar serem apagadas pela falta de lembrança.

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.

ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

A partir desta publicação, outras edições do Cadernos Negros contaram composições da autora, até que em 2003 ela conseguiu realizar a publicação do seu primeiro romance, Ponciá Vicêncio, que fala da redescoberta da ancestralidade, uma jornada que a própria Evaristo viveu ao adentrar aos movimentos negros no Rio de Janeiro. A oportunidade de publicar o livro não foi muito generosa: após muitas negativas, conseguiu a chance de publicar a obra, mas apenas em 100 volumes, quantidade incomum de tão pequena dentro do mercado editorial.

Conceição Evaristo buscar nas suas obras ilustrar mulheres negras fortes, retiradas de seu Imaginário e da sua própria vivência, através de cenas que viam ou lhe foram contadas. A autora revela que estas personagens geram empatia tão grande a ponto de sentir o que elas sentem, por mais que, pessoalmente, nunca tenha estado em tal situação.

Este frequente sentimento de empatia da autora se reflete na sua escrita através do modo orgânico com qual é a narrada histórias compostas. A fluidez presente nas cenas, diálogos e roteiros é uma das características de técnica linguística mais notável na literatura evaristiana. Sua escrita tem intenção de ser poética, mas de vocabulário simples, como quem conta para alguém sobre um amigo, um vizinho, um familiar, sobre si próprio.

A necessidade de contar histórias e estórias sobre si e sobre o que via e ouvia surgiu para Conceição como forma de cura. A menina e depois mulher precisava constantemente esvaziar das Dores suas e dos outros que acumulavam na memória e, para realizar esse esvaziamento ela escrevia. Escrever, para Evaristo, representa a sua forma preferida e mais eficaz de se comunicar de mostrar o mundo a forma como ela o vê, e também o modo mais eficaz de não adoecer sua mente, sua alma.

O ato de escrever, portanto, é uma constante na vida da literata negra. Apesar disso, ela destaca que o desenvolvimento de suas obras é lento. Podem demorar anos para que seja concluído, entre processos de criação, engavetamentos, desengavetamentos e mudanças de cenas e enredos. Evaristo prefere tecer com cuidado cada linha das teias de memória e invenção por ela arquitetados. Por conta da lentidão do processo, ela pode guardar por anos suas intenções de escrita, esperando um momento e forma correta de compor as cenas planejadas.

Há, entretanto, uma obra que foge do padrão lento de trabalho da escritora. O seu livro *Insubmissas Lágrimas de mulheres* (2011), de acordo com a autora, foi composto rapidamente. A obra é resultado da mente inflamada da escritora pelas provocações realizadas pela Edileuza da Penha. A pesquisadora questionou, por conta das temáticas abordadas por Evaristo, se a vida da mulher negra brasileira era feita apenas por momentos tristes e trágicos, em resposta, Conceição entrega a obra contando histórias-estórias de mulheres que passaram sim por situações adversas, mas que as superavam e logo estavam novamente fortalecidas contando suas experiências, evidenciando a força e resistência das mulheres sobre as quais Evaristo busca escrever.

A obra que pretendemos estudar nesta pesquisa, *Becos da Memória*, não foge àquilo que fora citado a respeito da composição evaristiana. Feito em 1988, só fora publicado em 2006, apesar de ser seu primeiro romance escrito, não foi o primeiro a ser publicado, mas sim o segundo, três anos após a publicação de *Ponciá Vicêncio*.

A forma como o romance fora construído combina perfeitamente com o nome da obra. Organizado de forma não linear, o leitor desvenda personagens e acontecimentos das vidas dos moradores da favela como se andasse por ela, percorrendo seus becos e vielas, visitando seus ilustres moradores. A protagonista, Maria Nova, tem papel crucial nisso, é acompanhando a garotinha de doze anos que descobrimos junto com ela as histórias dos habitantes da favela que sofre uma demolição acelerada.

A literata negra falou entrevista concedida ao programa Estação Plural que Maria-Nova é a personagem de sua autoria que mais parece consigo. A menina curiosa que trafega por toda a favela posso ir ouvidos atentos as histórias que a eles são contadas, a maioria delas trágicas, pois assim como a sua própria criadora, a pequena Maria geralmente era dada a tristeza pois não via motivos para sentir-se alegre. Os olhos incisivos e observadores também são outra característica marcante da personagem, que chegam a incomodar a outra, outra peça que compõe becos. Sobre estes olhos, herança de Evaristo, ela mesma comenta:

“Eu gosto de olhar para as pessoas. Você perceber, você tentar adivinhar o que tem atrás de um rosto, e oferecer também o seu olhar para as pessoas perceberem o que tem, quem é Conceição Evaristo, e é por isso 'Olhos d'água', o conto que eu escrevi e que dá título ao livro Olhos d'água.” (EVARISTO, 2020)

Olhos d'água, publicado em 2014, foi vencedor do Prêmio Jabuti neste mesmo ano. O livro é uma coletânea que inicia com o conto que dá nome ao livro, no qual a autora discorre sobre uma experiência de sua infância com sua mãe, a lavadeira que tinha seus olhos cheios de água e pranteava pelo desespero da chuva que não deixava as roupas lavadas da sua patroa secarem, atrasando também o recebimento do pouco dinheiro do pagamento pelo serviço. Em Olhos d'água, a autora revela diferentes temáticas com as quais se identifica como pessoa individual e como mulher negra inserida na comunidade periférica no Brasil, destaca-se na maioria dos quinze contos que compõem a obra uma característica conceituada por Eduardo de Assis Duarte (2006) como “brutalismo poético”.

O brutalismo poético consiste em descrever cenas fortes, como cenas de violência, morte e sentimento de tristeza, depressão, desespero, desencontro, medo, perda, etc de forma lírica, poética. Para realizar tal feito, a autora usa de inúmeros recursos de linguagens, principalmente a metáfora, pleonasma e a repetição de assuntos e frases de efeitos durante todo o texto, de forma a não só envolver como causar no leitor o impacto de que a informação, o sentimento é importante. Este, entretanto, não é um trabalho fácil ou rápido. Evaristo costuma ser minuciosa a construir suas cenas de modo a transmitir aquilo que quer

passar, por isso costuma tecer com paciência os fios da sua escrita, para transformar cenas nada poéticas em pura poesia.

“Gosto muito também de trazer para a literatura talvez imagens e situações que olhadas de fora não têm nenhuma poesia. Ora, a maneira como você descreve esse fato, a maneira como você trabalha esse fato, a maneira como você constrói a personagem e inclusive a maneira como você usa a linguagem, você pode fazer desse fato extremamente cruel, você pode construir ele de tão forma que você humaniza, inclusive humaniza o próprio, vou dizer entre aspas, o próprio ‘Marginal’. Pra exemplificar isso, eu tenho dito muito também, eu tenho uma cena, eu preciso transformar essa cena em texto literário. É uma cena que eu assistir na última escola que eu trabalhei quando me aposentei. Tinha um rapaz, um rapaz negro, isso no Morro de São Carlos no Rio de Janeiro, e esse rapaz, ele era soldado do tráfico. Ele estava em pé na postura mesmo de sentinela, com a metralhadora atravessada no peito e ali de plantão. Quando eu olho, vem uma mulher negra também, bastante jovem, com uma criança. Essa criança deveria ter uns três ou quatro anos, caminhando em direção a esse soldado do tráfico. Quando ele vê essa criança, esse rapaz abaixa, joga a arma para trás e abraça a criança que é o filho dele. A qualquer momento aquele gesto de afeto, aquele pequeno momento de carinho poderia se transformar em sangue. Bastava a polícia estar subindo São Carlos naquele momento ou bastava um outro soldado do tráfico do grupo rival entrar ali numa disputa com ele.

Então, olhando aquela cena, não é uma cena poética, é uma cena de ameaça à vida, mas ao momento que você... eu acho que o texto literário tem esse poder: dependendo da maneira que eu escreva esse texto, e dependendo do meu olhar, porque o olhar com que eu vi aquela cena ao momento que a arma que tudo ali some, o momento que perdurou para mim era um pai bastante jovem abraçando o filho. Agora, como transformar isso no texto literário? Como você retirar uma poética dessa cena? É um exercício grande, não é uma cena que você escreve durante uma hora, eu quero trabalhar bem essa cena, eu tenho que encontrar palavras, tenho que encontrar construções que o que importa ali é descrever um rapaz um rapaz bastante jovem é um pai bastante jovem abraçando o filho”. (EVARISTO, 2020)

Esta é uma característica comum na obra evaristiana, mas que pode ser ainda mais observada em contos como "Maria". O conto discorre de maneira surpreendentemente poética a respeito da empregada doméstica Maria, mãe solteira que levava para casa as sobras de comida doadas pela sua patroa, depara-se com uma cena inesperada: a condução que pegava para ir para casa está sendo assaltado e um dos assaltantes é o seu ex-amor, pai de seu primeiro filho, que havia sumido pelo mundo. Por este fato, escapou ilesa do assalto, o que não agradou as demais vítimas. Acusada injustamente de ser cúmplice dos assaltantes, foi linchada até a morte.

A morte também é outra forte temática das obras da literatura negra. Uma vez que a morte faz parte da vida e do cotidiano, Conceição não hesita em falar dela. Na escrita da autora, a morte é amostrada forma como ela costuma acontecer: de surpresa e rapidamente. Às vezes aparece brutal, cruel, como no caso de Maria. Para Ardoça e Kimbá, protagonistas de outros dois contos, é aceita de bom grado através do suicídio por envenenamento, mas também aparece de forma trágica e violenta como para a pequena Lumbiá, vítima das balas de um tiroteio entre facções nas ruas da favela onde morava, enquanto procurava seu brinquedo favorito perdido.

2. OS BECOS DA MEMÓRIA EM CENA

“Vó Rita dormia embolada com ela”. Com essas palavras, Conceição Evaristo (2011) inicia o romance *Becos da Memória*. O prólogo curto é narrado pela própria autora, e fala sobre duas das personagens mais instigantes da obra e também da vida da autora: Vó Rita e a sua amiga Outra, a qual a pequena Maria da Conceição nunca vira o rosto. Foi o despertar desta lembrança enigmática, na fase já adulta da autora, que a inflamou de vontade de escrever estas memórias inventadas da sua infância na favela do pendura saia.

Como mulher negra, Evaristo se debruça mais nesse universo de escrever sobre personagens negras e femininas, e um dos pontos mais notáveis em sua obra é a grande quantidade de personagens maternas dentre os protagonistas, algo incomum na literatura, que geralmente trata a maternidade como um fator de coadjuvância, e por isso suas histórias de vida perdem destaque e interesse, de modo que dificilmente personagens mães atuam com protagonismo em obras ficcionais. Numa tentativa constante de nadar contra a maré dessa "literatura canônica" como denomina Duarte (2013), a autora se dedica em suas obras a criar personagens de histórias “comuns”, em um universo que muito se assemelha ao nosso, ambientado em locais periféricos que poderiam facilmente existir na vida real brasileira.

Apesar do foco em tratar de mulheres, não há ausência do protagonismo masculino na obra evaristiana. Pondo em foco a obra a ser discutida, *Becos da Memória* destaca a vida de três figuras masculinas dentre as várias que cita: Tio Totó, Negro Alírio e Bondade, personagens que além de construírem sua própria história, destacam-se também como figuras importantes na mente e no coração da menina Maria-Nova, cada um de uma forma extremamente singular: Tio Totó como um avô cheio de experiências a serem compartilhadas, Negro Alírio como o primeiro homem que despertou na menina quase mulher o desejo, mesmo que platônico, por um outro alguém, e Bondade, um grande amigo que a tinha de uma forma especial, como a filha que poderia ter tido se um dia houvesse se tornado pai.

Tio Totó andava extremamente inconsolável desde que a notícia do desfavelamento chegara na favela, trazendo caos e instabilidade para a rotina já de muito sofrimento dos seus moradores. Aos seus noventa anos, o idoso não tinha muita expectativa de viver por mais muito tempo, mas foi a ordem de despejo que fez com que a morte deixou de ser para ele uma realidade vindoura, mas sim um desejo. A mais constante fala de Tio Totó sobre si mesmo, era o aviso que dava a sua esposa Maria-Velha e sua sobrinha Maria-Nova: seu corpo "pedia terra".

A história de Tio Totó é contada por ele mesmo para a menina Maria-Nova. A metáfora é utilizada como recurso literário para substituir as dores, principalmente psicológicas, por "pedras" carregadas nas mentes dos personagens. A ferramenta é constantemente empregada quando a autora discorre sobre o homem idoso. O desfavelamento fora a última pedra pesada e pontiaguda que o velho coração dele conseguiu aguentar, a partir de então, passa a pouco a pouco definhar durante toda a obra, enquanto nos momentos de maior tristeza rememora a história de sua vida para a sua sobrinha, despejando nela pouco a pouco as suas pesadas pedras, suas histórias mais dolorosas.

O homem negro era filho de escravos, porém nascido em liberdade graças a Lei do ventre-livre, o que não tornara sua vida mais fácil. Por conta do trabalho pesado e de longa jornada dos seus pais, não teve a chance de ser por eles bem cuidado ou criado, também os perdera cedo, uma vez que a vida dos escravizados não costumava ser longa. O moço Antônio então passou a ganhar a vida nas fazendas, trabalhando em serviços pesados. A vida era pobre e árdua, mas decidiu vivê-la e formar sua própria família com Miquilina, com quem teve a sua filha Catita, essa é a primeira pedra que o agora Tio Totó dá a Maria-Nova: a história de como perdeu o que era para si o seu melhor ao tentar a travessia arriscada de um rio.

“Totó, moço de tantas coragens, moço de tantas proezas e aventuras, continuou na outra banda do rio. São, salvo e sozinho. Continuou ali covarde, sem muita coragem de voltar ao rio e à vida.

– Maria-Velha, dizem uns que a vida é um perde e ganha. Eu digo que a vida é uma perdedeira só, tamanho é o perder. Perdi Miquilina e Catita. Perdi pai e mãe que nunca tive direito, dado o trabalho de escravo nos campos. Perdi um lugar, uma terra, que pais de meus pais diziam que era um lugar grande, de mato, bichos. De gente livre e sol forte... E hoje, agora a gente perde um lugar de que eu já pensava dono. Perder a favela! Bom que meu corpo já está pedindo terra. Não vou mesmo muito além. Se eu tivesse mais moço, começava em qualquer lugar novamente. Comecei cheio de dor, mas comecei outra vida quando cheguei são, salvo e sozinho na outra banda do rio. O tempo foi passando, pensava que estava ganhando alguma coisa. Nada, só dor. A dor sempre bate no coração da gente. Cada dor cai como uma pedra no peito. Pedras pontiagudas, e foram tantas! A dor dói fina, firme. Tantas pedradas. Tantas! E mais aquela quando Nega Tuína morreu.” (EVARISTO, 2011, p. 22)

Nega Tuína foi a segunda esposa do moço Antônio, a mulher o achava farto de sorrisos e de “outras coisas também”. Trabalhadora, conheceu o homem enquanto trabalhavam em uma mesma fazenda, ela na cozinha, ele na roça do algodão. Totó, ainda de luto pela perda brusca de sua mulher e filha, enganava a tristeza com sorrisos, tentou seguir a vida, casou-se com Nega Tuína, não lhe contou de suas pedras, iria olhar para a frente. Foram juntos

andando até chegar à Capital, lá se ajuntaram pela favela onde seu casal de gêmeos nasceriam e sua esposa morreria no parto, onde criaria e se despediria dos seus filhos que tiveram uma breve passagem pela vida, onde se casaria com sua terceira esposa, Maria-Velha, irmã de Mãe Joana, a mãe da pequena Maria-Nova. Cerca de cinquenta anos depois, já com os seus noventa, receberia a ordem de despejo do lugar que viu ser construído e ajudou a construir, e a partir de então começou a envelhecer.

“Seu riso, sua gargalhada foi rareando quando ele começou a envelhecer. Tio Totó custou a se tornar um velho. Aos oitenta anos era um moço. E gostava de repetir: ‘Eu não sou de morte fácil, de vida difícil, sim!’ De todas as suas histórias, a que ele gostava mais de contar, e repetia sempre, era a da travessia do rio.” (EVARISTO, 2011, p. 35)

A velhice atribuída a Tio Totó não era a da deterioração das células que compunham seu corpo e sua mente, não era sobre rugas, cabelos brancos e perda de massa muscular. Estas coisas já o acompanhavam há muitos anos. A velhice dele era a deterioração da esperança, da sua vontade de seguir em frente. Aos noventa e tantos anos, o calejado carregador de duras pedras não via mais em si condições de reconstruir a vida, de seguir em frente, tanto pelo seu cansaço mental quanto pelas suas condições físicas.

Após tantas décadas de trabalho pesado, de reconstruir a vida tantas vezes se sentindo são, salvo e sozinho, ele desejava descanso, se não o descanso na casa que construíra com as próprias mãos, então o derradeiro descanso eterno, Tio Totó queria morrer. Sempre quis, mas a vida recusava a deixar-lhe, então a aceitou de bom grado, enganaria a tristeza com sorrisos fartos e seguiria em frente, não ocorreria o mesmo dessa vez, permitiria sim sofrer, reclamar, relembrar suas pedras mais ocultas, deprimir-se e definhar até que lhe fosse permitida a passagem e seu corpo finalmente recebesse a terra que pedia.

Foi nos braços de Maria-Nova que Tio Totó se despediu da vida que queria deixar. Sua partida foi ao mesmo tempo inesperada e aguardada, pois era notório que ele morria aos poucos. Entretanto, foi um momento de extremo lamento que antecedeu a saída e a derrubada do barraco onde moravam. Todos amavam o alegre Tio Totó, que “Quando menino, foi chamado de Totó. Por que Totó e não Totonho ou Tônico ou até mesmo Joãozinho? Já homem, Sô Totó, agora velho, Tio Totó. Era tio de seus sobrinhos e dos sobrinhos dos outros.” (EVARISTO, 2011, p.15-16). Que era o último a encerrar as batidas do caixote

quando ocorriam as congadas. E para a sua sobrinha pré-adolescente, um tio, um contador de histórias, um avô simpático e experiente.

Totalmente diferente fora a relação da pequena Maria com Negro Alírio, que chegara na favela em um dia de chuva e fora acolhido na casa onde residiam as duas Marias e Totó. À primeira vista, o homem forte despertou a atenção de Mariinha de uma forma que nunca havia acontecido, isso porque a menina-mulher que ora brincava com os amigos, ora ia até uma das torneiras públicas lavar roupas das patroas de sua mãe e tia, despertava aos poucos em si as coisas da vida adulta: a preocupação com o futuro, a responsabilidade com o trabalho, com a vida, com a morte, e agora, com a chegada do homem misterioso, descobrira o desejo, a apreciação pelo corpo de outro alguém.

“Ela jamais esqueceria aquele homem molhado até os ossos, aquele ar misterioso, aqueles lábios carnudos. E aquela imagem, por longos anos, se tornou um vício. Maria-Nova sempre procurou aquela sensação primeira, aquela impressão deixada por Negro Alírio, no corpo, no jeito dos homens que ela veio a ter um dia”. (EVARISTO, 2011, p. 30)

Negro Alírio não teve muito contato com Maria-Nova. Pouco se vê dele próximo da menina durante a obra, indicando que o interesse, além de platônico, só existia como uma fantasia dentro da cabeça e dos sonhos da menina. A sua história de vida, diferente da de Tio Totó, não chegou até ela através dele próprio, mas sim de Bondade, o amigo da menina que sempre tinha histórias para lhe contar. Ele não revelara a ela sobre quem era a história, mas ela adivinhara, com muito ânimo, pois iria saber mais do homem que fisgou sua atenção.

O homem viera de um interior pobre dominado pelo coronelismo. Dentre os mandos e desmandos do Coronel Jovelino, estava o sobre a vida de seus inimigos. A cobiçada terra da família Zica não lhe era nem cedida nem vendida, terras almejadas, por serem boas e por serem próximas à fazenda do coronel. Em retaliação, o velho poderoso mandava seus capangas darem cabo dos Zicas, de maneira silenciosa: afogavam-lhes no rio, simulando um suicídio, todos acreditavam, ou pelo menos não questionavam a narrativa, isso até o menino Alírio, na faixa de seus quatorze anos, testemunhar a desova de um corpo no rio, pelos capangas de Jovelino.

O corajoso menino foi ter com os Zicas, que o repreenderam, apesar de suas vidas já correrem perigo, tinham medo, exceto pela matriarca da família, revoltada. Ela foi a última da família a sofrer com a violência velada do coronel, a partir de então, ele os deixou e além disso deu ao menino testemunha educação particular, como suborno. O menino aproveitou,

entendeu de tudo, aprendeu a ler não só o que estava no papel, mas nas entrelinhas da vida. Tornou-se um mobilizador, marchou para a casa do coronel, que pensava ter silenciado o homem, onde diferente deste, não resolveu a situação com balas e morte, mas com palavras que serviram para incendiar os corações dos até então passivos trabalhadores e pequenos proprietários de terras. A ideia de cooperativa dada pelo homem foi aceita e estava dando certo, a partir de então, não seriam nem deixariam ser dominados novamente pelo latifundiário tirano. Negro Alírio tomou seu rumo para fora de sua terra natal, seu trabalho ali havia terminado.

O trunfo de Negro Alírio era sua consciência de classe. O reconhecimento de saber que a sociedade possui várias divisões e em qual delas está inserido. Usamos, neste trabalho, a conceituação de classe a partir do intelectual Karl Marx, que afirma:

“Na medida em que milhões de famílias vivem sob condições econômicas de existência que separam seu modo de vida, seus interesses e a sua cultura daqueles das outras classes e as colocam em posição hostil a essas outras classes, elas formam uma classe. Na medida em há apenas uma interconexão local entre esses camponeses de pequenas propriedades, e a identidade de seus interesses não gera nenhuma comunidades, nenhum elo nacional e nenhuma organização política entre eles, tais pessoas formam uma classe”. (MARX, 2000 apud VIEGAS, 2013, p.4)

Sendo assim, o homem, a partir desta tomada de consciência, decidiu os rumos que norteariam a sua vida: lutaria por aquilo que achava certo e, acima de tudo, procuraria lutar pela sua vida e pela vida dos seus. Negro Alírio também não entendia a dormência daqueles que aceitavam passivamente a situação na qual se encontravam, por conta disso, em todos os ambientes que transitara, desde o sucesso da cooperação entre os até então conformados trabalhadores dominados pelo Coronel Jovelino em sua terra natal, tentava assumir uma figura de mobilização, afim de se opor aos desmandos dos ricos dominantes, seja nos locais onde prestou serviço ou na própria favela após a sua chegada.

Trabalhou de muitos trabalhos braçais e, quando podia, ensinava àqueles que não sabiam ler e escrever. Tornou-se mais uma vez um líder de mobilização quando trabalhara no porto, as condições de trabalho e salários baixos geravam um perene sentimento de insatisfação dos trabalhadores, que o manifestavam através de paralizações. As greves quase sempre não davam resultados positivos, mas sim a ameaça ou de fato a demissão dos líderes das reivindicações.

A vez de Negro Alírio ser ameaçado havia chegado, seus companheiros decidiram ceder, por conta de suas famílias, ele, por ser só, não teria problema em continuar. Entretanto,

os demais trabalhadores haviam decidido fazer algo diferente enquanto os líderes ainda se encontravam com a diretoria da empresa: partiram para o vandalismo, seriam responsabilizados os líderes, mesmo não sabendo de nada e não fazendo parte do motim. Negro Alírio seria preso, e por isso fugiu até chegar na favela, na casa e nos sonhos de Maria-Nova e, logo mais, na casa, no corpo e no coração de Dora. A partir de então, dedicou-se a ajudar como podia os moradores da favela em pleno processo de destruição, uma função que Bondade, a seu modo, também fazia desde que também chegara ali.

Bondade é o elemento mais curioso dos três homens importantes na vida de Mariinha, isso porque pouco se sabe a respeito dele, inclusive seu verdadeiro nome, ou o que fazia quando ia para fora da favela todo começo de mês e voltava com doces para as crianças e mantimentos para os mais necessitados. Nem a curiosa Maria-Nova lhe perguntava sobre suas próprias histórias, gostava do amigo desse jeito, como um segredo, um segredo bom. Em contrapartida, Bondade lhe contava muitas histórias dos outros, mantendo o sigilo quando necessário, como a história de Negro Alírio, que contou a menina sem nunca mencionar o nome do protagonista do relato. Discricção e mistério faziam parte do Bondade.

Sua relação com a menina era de amizade, ambos conversavam muito e, principalmente, havia muitas coisas a se contar. As histórias de Tio Totó, Maria-Velha e Bondade eram as favoritas da menina, pois eram tristes e lindas. E, para ele, a menina era como a filha que não tivera.

Foi quando Bondade apareceu com seu andar manso e macio como gato andando sobre o telhado. Olhou a menina e sentiu uma ternura intensa. Maria-Nova podia ser sua filha. Sentiu-se covarde por repartir com ela tantas dores. Ele podia poupá-la. O cabelo solto e eriçado da menina lembrava juba de leão. Gostava muito de todos na favela. Gostava de Tio Totó, de Maria-Velha, de Mãe Joana, mas pensava em Maria-Nova como filha, caso ele tivesse tido alguma. [...] Ela contemplou o rosto do homem. Tomou um susto, viu que ele não estava bem. Tinha o rosto amargo e aflito. Quantos anos teria o Bondade? Tentou calcular. Vinte, trinta, quarenta?... Não conseguiu. Ele não tinha no rosto a marca de idade como Maria-Velha e Tio Totó. Mas também não era jovem. Pensou em indagar a idade dele. Calou. Nunca tinha perguntado nada ao Bondade sobre ele próprio. Nem perguntaria. Era um mistério, todo mundo dizia. (EVARISTO, 2011, p. 115-116)

O que se sabia sobre Bondade é que ele fazia jus ao seu apelido: nunca teve moradia fixa desde que ali chegara, exceto no coração de todos, era amigo em comum de inimigos, e nunca fazia intriga nem fofoca com ninguém. Além de figura querida por todos, era também

considerado um amuleto da sorte para o Time Esperança, o time de futebol amador da favela, os jogadores se recusavam a jogar enquanto ele não chegasse, pois alegavam que algo de ruim aconteceria, como chuva, brigas e até mortes, que eram raras, mas poderiam vir a acontecer. Bondade atuava como contraponto nas situações mais adversas da favela: a paz quando havia intriga, a entrega de mantimentos e remédios nas casas dos doentes e mais necessitados, o conforto na hora da passagem de alguém querido, como a velha Filó Gazogênia, que morreria de tuberculose e teve seu último pedido atendido por Bondade: um copo d'água.

Bondade, dentro da literatura evaristiana, representa o caráter de solidariedade mecânica da favela. Nos momentos onde havia união, lá estaria também Bondade, seja nos tradicionais festivais de bola que fazia a alegria de crianças, jovens e adultos, nos momentos de adquirir algum dinheirinho para ajudar um morador que estivesse precisando de um auxílio, de ajudar com as arrumações da mudança dos que já haviam sido alcançados pelo desfavelamento ou no momento de dar um último adeus solene a alguém que falecera.

Tio Totó, Negro Alírio e Bondade, cada um destes imprimiu grandes marcas no coração e na mente de Maria-Nova. Com o velho tio, aprendera sobre suas raízes, principalmente a respeito daquela dor fina e insistente no peito que tanto ele quanto a menina sentiam, a dor chamada de Banzo. A nostalgia, a falta da terra a qual pertenciam e foram arrancados, mesmo que, no caso deles, tivessem nascido no Brasil. Essa dor seria a responsável por nortear, no futuro, as composições que a futura escritora faria, pois o banzo é uma dor que não passava, não só pela saudade do lar, mas também pela constante opressão que o povo negro foi imposto, tendo sua herança cultural, linguística, religiosa, social e todas as outras características que formavam a identidade africana suplantadas através do silenciamento pelo medo, pelo castigo ou até pela morte se assim fosse a vontade do seu “senhor”.

A intenção do branco escravocrata colonizador consistia justamente em anular a identidade do povo que seria escravizado e colonizado, fazendo com que a supremacia branca fosse cada vez mais efetivada e “comprovada”, a partir do apagamento histórico, da demonização das manifestações culturais e religiosas e da imposição da cultura europeia, que Moura (1994) caracteriza como mutilador e estrangulador cultural, pois, impunha por violência, direta e indireta, padrões culturais e valores sociais de outrem. Anular a história e a cultura do povo negro é desumanizá-lo e conduzi-lo à subserviência, subestimando suas capacidades de pensamento, de reflexão, de construção de conhecimento, ridicularizando-os e demonizando seus costumes, manifestações artísticas e culturais, a estética, sua moda, sua literatura e tudo aquilo que faz parte de sua identidade, de uma identidade coletiva do povo negro”. (PINTO, 2021, p. 26-27)

Com Bondade, entendera sobre a vida e o mundo que ainda não conhecia, mas precisava. Era preciso viver. As histórias do homem ajudaram a realizar o desejo da menina de não só colecionar como também contar as histórias do seu povo. O relato oral, por muitas vezes a única ferramenta de expressão e compartilhamento de vivências utilizados por homens e mulheres de cor que não tiveram a oportunidade de aprenderem a ler e escrever, garantiu às vidas sofridas uma continuidade através da memória. E a partir de então, a menina se certificaria de fazer essa memória perdurar e difundir ainda mais através do fazer literário.

Negro Alírio, grande exemplo de consciência de classe e subversão àqueles que subjugavam a si e aos seus, sem saber, inspirou Maria-Nova a ser da mesma forma. A percepção da menina a respeito da favela ser como uma senzala dos tempos modernos, enquanto os bairros nobres da vizinhança seriam as novas casas-grandes é um grande exemplo disso. Quando Bondade compartilhou com ela a história dele, a menina já se encontrava profundamente comovida e admirada pelo homem, por sua presença marcante e beleza notável. Ao descobrir mais sobre o foco de sua admiração platônica, a garota passou também a admirá-lo pela sua história de vida, pela sua inteligência enquanto valorizador dos estudos e da luta para o bem-estar dos seus. São essas experiências e percepções de Maria e dos outros, como Negro Alírio, que a forjariam a ferro e a fogo, e a transformariam numa ferramenta poderosa para contar ao mundo aquilo que havia visto e aprendido através das vivências daqueles que compartilharam suas vidas com a dela própria.

A menina crescia. Crescia violentamente por dentro. Era magra e esguia. Seus ossinhos do ombro ameaçavam furar o vestidinho tão gasto. Maria-Nova estava sendo forjada a ferro e a fogo. A vida não brincava com ela nem ela brincava com a vida. Ela tão nova e já vivia mesmo. Muita coisa, nada ainda, talvez ela já tivesse definido. Sabia, porém, que aquela dor toda não era só sua. Era impossível carregar anos e anos tudo aquilo sobre os ombros. Sabia de vidas acontecendo no silêncio. Sabia que era preciso pôr tudo para fora, porém como, como? Maria-Nova estava sendo forjada a ferro e fogo. (EVARISTO, 2011, p. 53)

A pré-adolescente possuía o mesmo espírito de sua paixão platônica: o gosto pelos estudos e a vontade de fazer as coisas serem diferentes das mazelas as quais eram obrigados a viver por conta do lugar subalterno onde os seus e ela foram inseridos dentro de um sistema que valoriza os bens monetários e aqueles que possuíam traços de branquitude em seu fenótipo. De romper as barreiras e viver uma vida digna com relação às condições de moradia, estudo, lazer, alimentação, segurança, dentre outros, e é por isso que, no final da estória,

decide: seria escritora, e, não importa o quanto demorasse, voltaria para a escola quando pudesse para concluir seus estudos.

3. AS EXPERIÊNCIAS NEGRO-FEMININAS EM BECOS DA MEMÓRIA

Maria-Nova crescia tornando-se triste e bela, como a sua mãe. Essas são as duas características mais ressaltadas da mulher: seu rosto que nunca sorria, mas que, contudo, irradiava beleza. Possuía uma pequena verruga no nariz (traço que também é observado na autora Conceição). A beleza de Mãe Joana não era, entretanto, a de um rosto que se encontraria nas passarelas e revistas de moda, ou na protagonista de um filme em cartaz no cinema. Mãe Joana era uma mulher negra, vivida, mãe de muitos filhos, realizadora de trabalho braçal com a lavagem das roupas, e uma expressão pouco convidativa, uma vez que nunca sorria e possuía olhos sofridos, olhos d'água.

Mãe Joana era bonita aos olhos da filha, que a via como alguém triste e também muito bonita, principalmente durante a época de festa junina, quando vestia um vestido cheio de bordados, feito por ela própria durante os meses que antecediam a comemoração. Nem nesses momentos de alegria que, pela dedicação do preparo, podemos perceber que era de grande importância para a mulher, ela sorria. A beleza a se admirar da mulher é a beleza da mulher negra: os olhos saltados e expressivos, a pele escura, os traços de quem muito viveu e carrega em si o mistério da vida. O comedimento de Mãe Joana contrasta com o constante revelar do corpo, do provocar de Cidinha-Cidoca.

“Na quadrilha de Cabo Armino, duas mulheres sobressaíam sempre: Mãe Joana e Cidinha-Cidoca. Mãe Joana, todo ano, estava linda e séria. Cidinha-Cidoca, em seu vestido de caipira sempre branco e cheio de renda. Mãe Joana, linda e séria; Cidinha-Cidoca, bonita e risonha, bonita e faceira, bonita e insinuante”. (EVARISTO, 2017, p. 34)

Cidinha-Cidoca é o perfeito exemplo de mulher-objeto. Se por vontade sua ou por circunstâncias incontroláveis da vida, o livro não deixa claro, entretanto, a forma como a mulher formosa é vista pelos homens e pelas mulheres dentro da favela era unânime: os homens, com desejo, as mulheres, com raiva e medo da mesma se envolver com seus homens. O corpo da mulher era visto e elogiado como nada mais que objeto de prazer. “Diziam as más línguas e as boas também que Cidinha-Cidoca tinha o ‘rabo de ouro’. Não havia quem o provasse e não se tornasse freguês” (EVARISTO, 2017, p. 17).

A jovem mulher tinha fama tão grande que chegava em outras favelas e, quando haviam os festivais de bola, onde times das demais favelas vinham, era a oportunidade perfeita para que a moça experimentasse “sangue novo”. Nessas situações, ficava mais

evidente ainda o sentimento de posse sobre o corpo de Cidinha, de modo que ficava praticamente acordado que ele pertencia a todos, menos a ela própria. Assim era Cidinha-Cidoca: “Bonita a mulher, mesmo com aqueles olhos parados e com aquela carapinha de doida! Bonita a mulher! Doida mansa, muito mansa” (EVARISTO, 2017, p. 17). Acostumada, acomodada, sempre aceitou aquilo que lhe era dado. Antes exigia uma bebida ou outra, jogava indiretas de reclamação de boca seca, de vontade de tomar um trago, com o tempo, foi silenciando.

O retrato de Cidoca é um perfil comum às mulheres negras nas obras de ficção, a mulher atraente, boa para o sexo, mas não para relacionamento sério. A escolha do termo “mansa” para descrever a personalidade calma da personagem reforça ainda mais o estereótipo aqui elucidado, da mulher-troféu, objeto sexual que precisa ser domesticado para aceitar bem as vontades de seu, ou, no caso, seus donos.

Conceição Evaristo, de forma muito inteligente, realiza na narrativa a respeito de Cidinha-Cidoca uma mudança de panorama: a narradora que geralmente discorria a respeito dos pensamentos, anseios, objetivos e opiniões da personagem que se encontra no centro da cena, com negra formosa faz o inverso: silencia-a, de modo que não conhecemos a história dela por sua própria voz, mas sim pelo olhar dos outros ao seu redor, olhar este que não era aprofundado, mas sim barrado no vestido branco costumeiro, na bela pele exposta, e resumia na aversão das mulheres e desejo dos homens.

Não havia uma única amizade junto da mulher. Mesmo casas em situações adversas, como acometidos por doenças contagiosas (caso da Outra e de Filó Gazogênia), recebiam a visita ao menos de Vó Rita ou Bondade, personagens de maior caráter solidário da obra, entretanto, nem estes são mencionados como benfeitores à Cidinha. Por conta disso, definiu só, sem que ninguém percebesse.

O primeiro sinal de que a mulher não estava bem veio em mais um dia de campeonato de bola, enquanto disputavam para saber quem desfrutaria do seu corpo, ela estava alheia, e com “vontade de partir”. O desinteresse dela é significativo, uma vez que demonstra a apatia no quesito sexual. Cidinha se deitava com muitos, de crianças a velhos, solteiros, casados, viúvos. Era de quem a quisesse, entretanto, nenhum momento do texto revela que Cidoca gostava ou sentia prazer nessas relações. O divertimento ressaltado era o dos homens, seus pretensos donos que não a permitiam sair da favela, sair de seus domínios. Entretanto, a

mulher mansa, domesticada, não causava problemas, exceto para as mãe e mulheres dos homens com os quais se deitava.

O sentimento de revolta das mulheres vai contra Cidinha-Cidoca e não contra seus homens, é um indicativo da tão problemática rivalidade feminina enraizada na sociedade brasileira, que estimula a competição entre mulheres diariamente, através das mídias sociais, das músicas e principalmente da internet, no caso, de Cidoca, ela recebe sozinha todo o ódio das mulheres pelas traições cometidas pelos seus maridos ao desfrutarem dos serviços da mulher. As mulheres da obra, em vez de lidarem com seus problemas intrafamiliares, descontavam em Cidinha a sua insatisfação. A própria mudança de vida de Cidinha, causada pela sua condição depressiva, foi atribuída não a uma questão de saúde, mas sim trama espiritual de uma das mulheres insatisfeitas ao descobrir que seu noivo estava frequentando o barracão de Cidoca.

“Bom que ela estava doida, demente, desmiolada! Bom mesmo! Diziam até que era trabalho de uma moça virgem que criara mágoa de Cidinha. A menina havia descoberto que seu namoradinho andava visitando Cidinha-Cidoca. Falou com ele. O franguinho em véspera de galo não gostou. Discutiu, argumentou que era homem. E homem tinha de ir lá! Homem não era igual a mulher! Homem vai ou endoida! Sobe pra cabeça!

A menina não gostou. – Moça-virgem, porém boba não! Endoida que nada! Conversa de homem para dominar mulher! Pensa que mulher também não gosta, também não quer? Mulher vive abafando a vontade, os desejos, principalmente se moça virgem como eu! – ela retrucou.

O ‘frango em véspera de galo’ não gostou. Achou a virgem saliente, achou a virgem não tão virgem assim! E não se sabe por que, daí para então, questão de dias, de quase mês, Cidinha-Cidoca começou a adoecer”. (EVARISTO, 2017, p. 17-18)

A doença, a "loucura" da moça nada mais era do que o estado depressivo que a abateu e que com o tempo foi evoluindo. Tornou-se desleixada com sua aparência, aparecendo nos bares com o seu vestido branco agora sujo e seu cabelo desgrenhado. As mulheres comemoravam que Cidinha não era mais uma ameaça. Os homens simplesmente não se importaram. Um dia a calada Cidinha levantou a voz: anunciou que morreria e a causa da sua morte seria não viver. Pouco tempo depois seu corpo fora encontrado morto dentro da grande cratera que fazia parte da geologia da favela. Para todos, mesmo com o aviso da mulher, a sua morte foi a repentina. Nada se sabia nem se procurava saber sobre Cidinha, a mulher era

completamente sozinha. Por isso, foi enterrada como indigente, um fim trágico para a mulher objeto que fora descartada como ninguém quando seu corpo não servia mais para seus donos

A história de Cidinha nos remete a própria cultura brasileira, visível na literatura. Conceição Evaristo pontua a respeito disso em seu artigo. A mulher negra boa para o sexo, mas infecunda, que não gera filhos e nem serve para constituir família é uma recorrência no perfil de personagens da literatura nacional:

“Aparecem caracterizadas por uma animalidade como a de Bertoleza que morre focinhando, por uma sexualidade perigosa como a de Rita Baiana, que macula a família portuguesa, ambas personagens de *O Cortiço* (1890), de Aloísio de Azevedo, ou por uma ingênua conduta sexual de Gabriela, Gabriela, Cravo e Canela, (1958) de Jorge Amado, mulher-natureza, incapaz de entender e atender determinadas normas sociais”. (EVARISTO, 2005, p. 53)

Como a arte imita a vida, e a imaginação encontra na realidade a sua principal referência, podemos com facilidade afirmar que este perfil de pensamento que diminui e objetifica a mulher negra não se encontra apenas na ficção. Esta é uma situação recorrente à luz do dia, falada com tom de normalidade pois faz parte do pensamento social. Isso fica claro quando pessoas públicas demonstram essas ideias livremente como narram Teixeira e Queiroz (2017) sobre o caso do então prefeito do Rio de Janeiro Eduardo Paes.

Desta forma compreendemos que a objetificação do corpo e sexualidade da mulher negra está atrelada a concepções racistas que se estruturam como algo natural que são reproduzidos. Exemplo disso foi um vídeo publicado na internet no qual o Prefeito do Rio de Janeiro Eduardo Paes, na entrega de casas populares, faz piadas de cunho sexual a dona do imóvel (Rita, mulher negra):

‘Vai trepar muito aqui nesse quartinho’. Não satisfeito, pergunta se a moça é casada e emenda: ‘Vai trazer muito namorado pra cá. Rita faz muito sexo aqui’. Como se a humilhação não fosse suficiente, Paes, do lado de fora, grita para os vizinhos da moça que acompanhavam a entrega. ‘Ela disse que vai fazer muito canguru pernetta aqui. Tá liberado, hein. A senhora primeiro’. Visivelmente envergonhada, a moça se afasta e diz que vai trancar a porta de casa. (RIBEIRO, 2016, p.1).

Essa fala do prefeito do Rio de Janeiro não tem um contexto separado do ‘imaginário’ que se tem da mulher negra, da mulher permissiva e promiscua. Paes dá voz ao machismo e racismo mascarado de brincadeira. O Brasil é o país onde a escravidão se metamorfoseia em outros formatos, deixando rastros de violência e pauperização, onde um homem branco, aliás, os homens e mulheres de cor ou não, depreciam e sexualizam a mulher negra, classificam a pessoa em um corpo. (TEIXEIRA, QUEIROZ, 2017, p. 5-6)

Dora, diferente de Cidinha-Cidoca, não era infecunda, nem passiva às vontades dos outros. Escolhia amar quem quisesse na hora que quisesse. Também era dona do seu ir e vir na favela. Era uma mulher atraente de passado longo e conturbado, mesmo não sendo velha. Era vivida de experiências, mas não deveria ter muito mais de 30 anos. Certa vez namorou um turista espanhol que queria levá-la para a sua terra natal, e se casar com ela. Dora pensou em ir, mas decidiu ficar com a mãe para que ela não ficasse só, a mãe acabou falecendo três meses depois, mas Dora não se arrependia da decisão que tomou. Também, em um dos seus romances, acabou engravidando, não queria o filho, não queria ser mãe.

O pai da criança descobriu a gravidez, conversou com a moça e ofereceu levar e criar a criança, com a promessa de que ela poderia visitá-los quando quisesse. A mulher aceitou a proposta, mas nunca viu o filho que gerou, pois não queria ser mãe. Essa decisão também não lhe gerou arrependimento, mas sim remorso, uma dor que segredou a Negro Alírio, seu parceiro no amor e na vida desde que ele chegou na favela.

Negro Alírio aceitou o passado conturbado de Dora e ela aceitou o passado conturbado do seu amado. Gostaram um do outro e Dora gostou ainda mais quando o homem se apresentou como Negro Alírio, pensou logo que "Negro" era um apelido, mas gostou muito que o homem se apresentou com este nome, foi a primeira vez que ela ouviu alguém se referir à palavra negro com orgulho. Dora, assim como seu parceiro, não tinha vergonha e sim orgulho de ser como é. Juntos, formariam um casal parceiro para ajudar os demais moradores na favela, seja com os trâmites da mudança daqueles que estavam sendo despejados pelo desfavelamento ou com demais necessidades.

Mais tarde, a mulher engravidou. Dessa vez sentia-se pronta, queria ser mãe, queria esse filho e queria constituir uma família com o Negro Alírio. A partir de então, Dora se torna mais uma personagem maternal de Becos, demonstrando também que a maternidade não é uma história única e que mães são mulheres ativas, passíveis de erros extremamente questionáveis na sociedade brasileira, como decidir não se aproximar de um filho.

Autoestima dentro dos moradores da favela era algo raro, principalmente quando comparavam as suas condições de vida com os moradores dos bairros vizinhos, bairros de pessoas ricas. Era fácil se sentir inferior ao compararem suas casas, suas roupas, seu nível de educação escolar, seu estilo de vida num geral com os moradores dos condomínios vizinhos. Ditinha era mais uma das pessoas que trabalhavam em casas de família perto da favela. A

mulher não só se sentia feia, como também suja, principalmente quando reparava na sua patroa, Dona Laura.

“Ditinha estava cansada, humilhada. Olhou seu barraco, uma sujeira. As roupas amontoadas pelos cantos. Olhou as paredes, teias de aranha e picumãs. Um cheiro forte vinha da fossa. Era preciso jogar um pouco de cal virgem sobre as bostas. Esperou as crianças um pouco mais. Não chegaram. Tirou o pai da cadeira de rodas e o colocou na cama. O pai fedia a sujeira e a cachaça. Lembrou da patroa tão limpa e tão linda como as joias”. (EVARISTO, 2017, p. 71)

Ditinha é mais uma mulher negra que cresceu em situação de vulnerabilidade. Aos 15 já era mãe de seu primeiro filho, fruto de uma relação desprotegida com o na época namorado. Com o passar do tempo, teve mais dois filhos. Ela é mais um caso de estudos e adolescência interrompidos pela chegada precoce da vida adulta, tanto por ser a filha mais velha de uma casa que perdera cedo a sua matriarca, quanto por tornar-se mãe muito antes do planejado. Ainda no primeiro filho, tentou recorrer ao aborto, mas sem sucesso. Quando engravidou pela terceira vez, tentou mais incisivamente, recorreu a uma “fazedora de anjos”. O aborto funcionou, mas quase levou a vida de Ditinha junto. Segundo os dados disponibilizados pelo Conselho Federal de Enfermagem (2018), cerca de um milhão de abortos induzidos são realizados no Brasil todos os anos e, deste número, cerca de 25% são internadas nos setores de urgência e emergência dos hospitais por complicações com o procedimento.

“A estimativa do Ministério da Saúde é de cerca de 1 milhão de abortos induzidos, portanto, uma carga extremamente alta que independe da classe social. O que depende da classe social é a gravidade e a morte. Quem mais morre por aborto no Brasil são mulheres negras, jovens, solteiras e com até o Ensino Fundamental”, afirmou Maria de Fátima Marinho de Souza, diretora do Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos não Transmissíveis e Promoção da Saúde”. (COFEN, 2018 p.1)

Ditinha sobreviveu, mas teve seu útero e ovários retirados por conta dos danos causados a eles pelo aborto que provocara junto com Maria Cosme. A mulher respirou aliviada duas vezes: por não ter um quarto filho e por nunca mais poder engravidar. As sequelas psicológicas, entretanto, jamais seriam apagadas, tanto as da sua precoce entrada na vida materna, quanto das complicações do aborto efetuado. Uma das maiores sequelas é

justamente a baixa estima, revelada sempre que Ditinha pensa em si própria e, principalmente, quando se compara com a branca, rica e nada maternal Dona Laura.

Como D. Laura era bonita! Muito alta, loira, com os olhos da cor daquela pedra das joias. Ditinha gostava muito de D. Laura e D. Laura gostava muito do trabalho de Ditinha. Olhando e admirando a beleza de Dona Laura, Ditinha se sentiu mais feia ainda. (EVARISTO, 2017, p. 69)

Ditinha não possuía orgulho nenhum nem da sua história e nem da sua aparência: ao contrário, julgava-se feia. Dentre suas características físicas, o cabelo crespo recebia insatisfação especial, a empregada doméstica odiava os fios grossos e escuros. Não é incomum que pessoas negras cresçam com essa visão sobre si. A falta de representatividade é um dos fatores que agravam ainda mais esse fator. As prateleiras das sessões de brinquedos estão geralmente abarrotadas de lindas bonecas brancas e de olhos claros, o cabelo artificial loiro claríssimo, quase branco, o mesmo se aplica aos bonecos geralmente direcionados aos meninos. Os desenhos, os programas de TV infantis num geral contam com um elenco de pele clara majoritariamente branco, e, quando não, de características mais “finas”, o nariz arrebitado e pequeno, lábios mais finos, cabelos comportados, seja através de penteados ou alisamentos.

“Eu me tornei leitora cedo, e o que lia eram livros infantis britânicos e americanos.

Também me tornei escritora cedo. Quando comecei a escrever, lá pelos sete anos de idade [...] escrevi exatamente o tipo de história que lia: todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis, brincavam na neve, comiam maçãs e falavam muito sobre o tempo e sobre como era bom o sol ter saído.

Escrevia sobre isso apesar de eu morar na Nigéria. Eu nunca tinha saído do meu país. Lá, não tinha neve, comíamos mangas e nunca falávamos do tempo, porque não havia necessidade. Meus personagens também bebiam muita cerveja de gengibre, porque os personagens dos livros britânicos que eu lia bebiam cerveja de gengibre. Não importava que eu não fizesse ideia do que fosse cerveja de gengibre. Durante muitos anos, tive um desejo imenso de provar cerveja de gengibre. Mas essa é outra história”. (ADICHIE, 2009, p. 8)

Maria-Nova também sentiu falta de representatividade na escola que frequentava. Percebia muitas coisas, dentre elas a dualidade senzala-favela, entretanto, calava-se, não

expunha seus pensamentos mesmo quando era questionada pela professora, isso porque se sentia extremamente acuada, além de si, só havia mais uma aluna negra na classe, e esta costumava ser desligada daquilo que acontecia na sala de aula. Pela falta de identificação, de procurar e não achar pessoas que fossem iguais a ela e dispostas a apoiá-la, a menina inteligente preferiu se abster da oportunidade de se expressar, um retrato do silêncio que a população negra brasileira recorre ao se sentir invalidada, sem autoestima o suficiente para bradar sua voz ao pensar, e não sem fundamentos, que será ridicularizada.

O medo de falar morria entre os seus, e por isso Vó Rita era sempre tão barulhenta pelas ruas da favela. A mulher era alta, gorda, voz retumbante e coração imenso. Vó Rita era portadora do mal de Chagas, mas não apenas por isso a narradora destaca a grandeza do seu coração: apesar da obra não citar que a negra senhora possuía filhos, ela era a responsável por colocar no mundo grande parte das vidas que nasceram na favela, parteira experiente e competente, até o mais bravo dos homens amansava na presença da mulher que ajudara a pô-los em vida e segurança nessa terra. Todos respeitavam e amavam Vó Rita e sua alegria, sempre falando ou cantarolando pelos becos do morro.

A presença da figura de Vó Rita em Becos nos remete à força que uma matriarca exerce no seu lar, e, no caso da mulher, em lares por toda a favela. A estadia da senhora no local era imponente o suficiente para modificar o comportamento das pessoas ao redor. Ela tinha a capacidade resolver conflitos apenas como poder da palavra por conta do respeito exercido por ela. Vó Rita era tão respeitada na favela a ponto de ser bem-vinda em locais onde outros jamais sequer pensariam em adentrar, como na residência do assustador Fuinha, homem violento que batia na esposa e filha. Nem a figura monstruosa do agressor conseguia impedir que a senhora grande e barulhenta adentrasse sua casa para visitar sua amiga e filha.

Diferente do habitual ao se tratar de favelas na ficção, como comumente se observa nas séries e telenovelas, a violência em Becos da memória também existe, mas não ilustrada através do narcotráfico. A criminalidade enquanto ofício, enquanto ocupação e dominação dos morros não são ilustradas no romance, e a isso atribuímos tanto ao fato da obra ter sido composta em meados dos anos de 1980, quanto de não ser o foco das memórias e do interesse da própria Evaristo durante as épocas que rememora no livro (sua infância e adolescência). O foco da obra é construir e discorrer sobre lares, famílias, pessoas que tiveram suas vidas conectadas através do convívio diário, do compartilhamento dos becos da favela onde residiam e do sofrimento que a vida pobre lhes proporcionava. Por conta disso, as ações

criminosas que ocorrem no romance geralmente remetem ao próprio lar, como o caso dos Fuinha, um dos relatos mais emocionantes da obra.

“Maria-Nova tinha muito medo de Fuinha. Sempre que passava em frente ao barraco dele apertava os passos. Uns diziam que ele era louco, outros que era maldoso, perverso, e que nada de louco tinha. [...] Quem sofria nas mãos dele era sua mulher e sua filha Fuizinha. Vivia espancando as duas, espancava por tudo e por nada. Os vizinhos mais próximos acordavam altas horas da noite com o grito das duas. Era mau o Fuinha. Diz que ele tirava a roupa das duas e batia até sangrar. Se elas choravam baixinho, batia até que elas gritassem e depois batia até que elas calassem”. (EVARISTO, 2017, p. 54)

O chocante relato de violência intrafamiliar vivido pela esposa e filha de Fuinha demonstram o quanto Conceição Evaristo se empenha em trazer para a sua obra relatos que, apesar do lirismo, não perdem nem a seriedade nem a gravidade de suas situações. Denuncia, desse modo, um perfil comum de agressor: aquele que tem uma vida social acima de suspeitas, com trabalho regular e até mesmo simpático com amigos no momento de lazer e socialização, mas que, entretanto, transforma-se assim que adentra os limites da sua residência. Algo que chama a atenção é a passividade dos moradores diante da situação por todos conhecida, uma vez que não havia tentativa nenhuma do homem de abafar as exclamações de suas vítimas. O motivo do silêncio dos demais residentes da favela não fica evidente, no entanto, sabemos que a esposa era uma mulher passiva e temerosa, que teve seu destino traçado precocemente pelas mãos do marido.

“Um dia a mãe de Fuizinha amanheceu adormecida, morta. Os vizinhos tinham escutado a pancadaria na noite anterior. A mulher gritara, gritara, a Fuizinha também, também. Ouviu-se a voz do Fuinha:

– Agora silêncio.

A mulher silenciou de vez. Fuizinha ainda muito haveria de gritar. Ia crescendo apesar das dores, ia vivendo apesar da morte da mãe e da violência que sofria do pai carrasco. Ele era dono de tudo. Era dono da mulher e da vida. Dispôs da vida da mulher até à morte. Agora dispunha da vida da filha. Só que a filha, ele queria bem viva, bem ardente. Era o dono, o macho, mulher é para isto mesmo. Mulher é para tudo. Mulher é para a gente bater, mulher é para apanhar, mulher é para gozar, assim pensava ele. O Fuinha era tarado, usava a própria filha”. (EVARISTO, 2017, p. 55)

Agressor, abusivo, abusador, pedófilo e assassino. A lista de crimes hediondos cometidos por Fuinha é grande o suficiente para que não se sinta nenhuma falta de abordagem do tema violência ou criminalidade dentro das favelas. Mas não apenas nesse sentido de choque e denúncia de violência que o relato a respeito dos moradores desta casa chama a atenção.

O pensamento do homem também fica evidenciado no trecho acima, no qual fala a respeito das atribuições dadas à mulher: o uso como objeto tanto de apaziguamento do furor quanto do apetite sexual. Tal linha de raciocínio extremamente machista nos traz o exemplo de quando a objetificação feminina é levada aos limites mais catastróficos, o abuso, o ferimento e até mesmo a morte. O Governo Federal notifica que os casos de violência doméstica e feminicídio no Brasil aumentaram durante a pandemia, a isso se atribui sobretudo o aumento do tempo de contato entre vítima(s) e agressor por conta do isolamento domiciliar. Quanto aos números sobre a violência contra a criança, os dados de maio de 2020 divulgados pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos elucidam que

“Dos 159 mil registros feitos pelo Disque Direitos Humanos ao longo de 2019, 86,8 mil são de violações de direitos de crianças ou adolescentes, um aumento de quase 14% em relação a 2018.

A violência sexual figura em 11% das denúncias que se referem a este grupo específico, o que corresponde a 17 mil ocorrências.

[...] a violência sexual acontece, em 73% dos casos, na casa da própria vítima ou do suspeito, mas é cometida por pai ou padrasto em 40% das denúncias.

O suspeito é do sexo masculino em 87% dos registros e, igualmente, de idade adulta, entre 25 e 40 anos, para 62% dos casos. A vítima é adolescente, entre 12 e 17 anos, do sexo feminino em 46% das denúncias recebidas”. (GOVERNO FEDERAL, 2020, p.1)

São cerca de 17 mil Fuizinhas e Nazinhas durante o ano de 2019. Nazinha fora outra criança vítima de abuso, não por parte de um familiar, mas sim de um estranho. Foi Bondade que contou a história para Maria-Nova, em mais um dia que a menina estava mais propensa a tristeza, como de costume. A menina Nazinha foi vendida pela mãe a um homem motorista de caminhão que possuía esse “vício” de abusar de menores. Após isso, o homem nunca mais adentrou a favela, sabia que a notícia se espalharia e era preciso fugir, o mesmo ocorrera com a família da menina. “O homem pega a menina pela mão e segue outros rumos. Não mais o rumo da fábrica, era preciso fugir, pegara o dinheiro do patrão. A mãe da menina ajunta os

trapos, o filho doente, o marido revoltado e bêbado. Procura outros caminhos, também era preciso fugir”. (EVARISTO, 2017, p. 28)

Com a fuga das duas partes envolvidas na história de dor e sofrimento da menina que deveria ter por volta de 13 anos, também se perdeu a oportunidade de saber o paradeiro, a vida de Nazinha. A falta de conclusão, de informação e desfecho para as breves histórias de Fuizinha e Nazinha é outro elemento de impacto narrativo da obra, mas que conversa com a realidade do silêncio e do silenciamento a respeito dos casos de violência, desaparecimento e exploração de menores que nem sempre é solucionado.

Evaristo é uma autora que busca abarcar em suas obras o pluralismo, de sentimentos, de personagens, de situações e ao abordar a temática da violência, segue o mesmo caminho. Apesar da maioria dos casos de agressão dentro dos lares ocorrer dentro da dualidade homem e mulher ou adulto e criança, não são cem por cento dos casos, por isso a autora surpreende ao contar a história de Custódia e dona Santina, nora e sogra.

Dona Santina estava sempre com a Bíblia na mão e uma reza a ser feita. Era uma mulher extremamente religiosa, mãe de Tonho, homem trabalhador que tinha o hábito de beber todo o fim de semana. Custódia se casou com ele ciente deste hábito, e para ela não era um problema, bebia para afogar as mágoas da vida sofrida que levava graças à pobreza e o restante do dinheiro era usado para manter a casa, vez ou outra até se abstinha do fim de semana alcoolizado para trazer algo a mais para seus filhos, um doce, uma alegria a mais para eles. A relação entre marido e mulher era tranquila, a grande surpresa jamais imaginada era na verdade o caráter da velha senhora de hábitos religiosos e aparentemente pacatos.

“Custódia apanhava da sogra que gritava como se fosse Tonho o agressor. Ele nada percebia. No outro dia, Custódia não se levantou de dor. À tarde, pariu uma menina morta. Dona Santina pegou a Bíblia e orou. Enterrou a criança no fundo do barraco. Lembrou, porém, que naquela área os tratores passariam assim que eles saíssem de lá. Desenterrou, embrulhou o defuntinho em jornais e saiu. Custódia viu tudo. Tonho roncava, de dentro dele saía o hálito de cachaça. Tudo isto acontecera havia uma semana somente. Custódia não entendia por que Dona Santina fizera aquilo. Bem que falavam que Dona Santina, apesar da Bíblia, era muito má. Toda vez que Custódia ficava de barriga, a sogra tornava-se sua inimiga. Os vizinhos nem notavam. Todo mundo pensava só no desfavelamento que recomeçara.

Tonho, quando soube, bebeu e bebeu mais ainda. A sogra percebeu que a nora estava perdendo sangue.

– Quando a gente descer, eu cuido disto. Até lá a gente ora. Dona Santina abriu a Bíblia e pousou a mão na barriga de Custódia”. (EVARISTO, 2017, p. 59)

A história de Custódia é outra que não tem desfecho do problema, uma vez que ela ocorre nas vésperas do seu despejo por conta do desfavelamento. Dona Santina, Tonho, Custódia e os quatro filhos do casal recomeçariam sua vida em outra favela, onde a narradora, a crescida Maria-Nova, não teria como ter notícias deles. Chama a atenção o confronto entre sogra e nora não só por serem duas mulheres na qual a idosa é a agressora, mas sim também por se tratarem de duas mães. Mais uma vez, a maternidade entra em foco na obra de Evaristo, desta vez com um outro tom, que perpassa as relações familiares e a índole do ser humano. Se há poucas mulheres mães enquanto protagonistas, heroínas no mundo ficcional, a escritora ilustra que podem ir além disso e ocupar o espaço de vilania, sendo verdadeiras antagonistas capazes de despertar fortes sentimentos aos leitores.

As experiências negro-femininas, e em especial a maternidade, são vivências extremamente únicas, e Conceição Evaristo procura, em *Becos da Memória*, ressaltar isso através da criação de várias personagens de destaque que vivem a vida como mães. Mãe Joana, mãe de muitos filhos e inclusive de Maria-Nova, que era linda, mas nunca sorria, tem sua inspiração na própria mãe da autora, herdando dela inclusive o seu nome. A mulher dura que fazia trabalhos de lavadeira para sustentar a casa, para a narradora do romance, é um exemplo de boa mãe, pois “Mãe Joana amamentava, criava e amava o que era seu. Maria-Nova sabia, Mãe Joana é mulher de poucas palavras. Mãe Joana é uma mulher de muito amor.” (EVARISTO, 2017, p. 30)

Outra mulher negra de sorrisos invisíveis também ocupou o espaço de mãe na vida da menina: sua tia Maria-Velha, irmã de sua mãe. Apesar de Mãe Joana não abrir mão de seus filhos, isso não impediu que Mariinha fosse morar com a tia e seu marido Totó, uma vez que ambos não possuíam filhos biológicos e, portanto, poderiam oferecer para a menina condições de vida um pouco melhores, além de ser uma boca a menos para a cheia casa da mãe. Sendo assim, a tia também se tornou uma figura de exemplo, cuidado e proteção, ajudando na criação da pequena heroína de *Becos*. Uma segunda figura materna que ao mesmo tempo parecia e divergia da mãe biológica da menina, principalmente em uma questão: enquanto Mãe Joana nunca contara suas histórias para ela, Maria-Velha não só contava as suas, como também era uma das contadoras de histórias favorita da garota, juntamente com Tio Totó e Bondade.

Negro Alírio encontrou pouso no barraco, no corpo e no coração de Dora. [...] Foi a menina que lhe arrumara a cama. Ele passara o resto da noite em casa de Tio Totó. Ficara impressionado com o velho. Ficara impressionado com tudo: com o barracão caiado de branco, com uma cruz de madeira na parede, com a caixa de congada, com a coroa de rei. Até bem pouco tempo, Tio Totó dançava congada e brincava nas festas de Reis. Dentro do barracão, conviviam três gerações. Tio Totó era, talvez, uns quarenta anos mais velho que Maria-Velha. Olhou os três e pensou que, se soubesse pintar, faria um belo quadro. Reteve a cena, teve a sensação de que diante de si estava a eternidade. Pensou que Deus é eterno sim, mas o homem de certa forma também é. A menina parecia ser a continuação dos dois. O velho e a mulher se eternizavam por meio da menina”. (EVARISTO, 2011, p. 63)

Ditinha, que se tornou mãe precocemente e desde então passou a trabalhar como empregada doméstica e teve mais dois filhos antes que realizasse o aborto que causaria a remoção do seu útero, é outro exemplo de mãe de Becos, totalmente diferente da abordagem da casa de Maria-Nova: Ditinha não podia contar com a ajuda da sua irmã para cuidar das crianças e, como resultado disso, elas cresciam precocemente, largando a infância cedo para se preocupar com as questões da vida adulta. Seu primogênito Beto, aos treze já havia largado a escola e tentava ganhar algum dinheiro com pequenas tarefas pela favela. Após a prisão da mãe quando, num lapso de inconsciência a mesma pegou uma das joias da patroa e posteriormente a jogou na fossa de sua casa, o menino assumiu cem por cento da chefia do lar e, quando a mesma voltou, encontrou um filho adolescente-adulto. Ditinha, que já tinha vergonha de si por completo, envergonhava-se também de sua ação, e por isso se trancafiou em casa, de modo que sequer sabiam que ela havia voltado. No dia da partida dos moradores da casa por conta do desfavelamento, quando todos descobriram que a mulher estava de volta, foi por eles recebida com enormes expressões de alegria e boas palavras, e ela então foi capaz de sorrir, quem sabe acreditar um pouco mais em si própria, a despedida de Ditinha e sua família teve um ar de recomeço e redenção para a sofrida e trabalhadora mãe.

Quem também teve direito a seu arco de recomeço e redenção foi Dora, a mulher bonita e cobiçada que era dona de si e das suas vontades. Gerou uma criança, contudo, negou a maternidade e por isso, apesar de ter um filho biológico, não exerceu a maternidade, apenas a gestação. Entretanto, seu envolvimento com Negro Alírio gerou o fruto que estava em seu ventre até o final da obra. “Sorriu feliz, estava grávida. Estava esperando um filho. Alisou a barriga onde Negro Alírio havia plantado a semente. O homem já estava de pé atrás dela, era quase hora de ele sair. Os dois estavam felizes”. (EVARISTO, 2017, p. 110) Desta vez, Dora não só geraria uma criança como viveria também a experiência da maternidade.

As personagens-pedras de Tio Totó, sua primeira e segunda esposas que tiveram suas vidas abreviadas pelas circunstâncias também foram duas mães que impactaram a obra. Ambas foram responsáveis por dar a Totó o melhor do que era seu: a menina Catita e os gêmeos, os três de vidas breves assim como as mães. Ambas apresentam, na obra, um perfil parecido: mulheres negras que trabalhavam nas fazendas, na cozinha, e ao se casarem com Totó assumiram uma vida em constante peregrinação em busca de trabalho e melhores condições de vida. Miquilina, a primeira esposa, morreu em uma dessas andanças, levada pela correnteza do rio junto a sua filha Catita.

Nega Tuína, mulher que chegou junto a Totó na favela de Becos, sonhava em ser mãe, em dar para Antônio uma descendência, entretanto, por anos não conseguiu. Quando engravidou, eram gêmeos: a mulher sentiu tudo, serem dois em sua barriga, serem um menino e uma menina, sentiu também que não sobreviveria ao parto. Tudo aconteceu conforme o sentimento da mulher, Vó Rita ajudou no parto, Nega Tuína fez sua passagem com desejo realizado, satisfeita com seus filhos.

Vó Rita, que inicia e também termina a história de Becos da Memória, é mãe, não de filhos saídos de seu ventre, isto a obra não deixa claro, mas sim mãe da favela, figura maternal até para aqueles que não eram seus filhos. “Quantas vezes um fuzuê estava armado e, se ouviam a voz de Vó Rita por perto, cada contendor tomava o seu rumo. Não era preciso ela dizer nada. Era só ouvir a voz de Vó Rita que o valentão ou a valentona se desarmava todo. O amor de Vó Rita desarmava qualquer um” (EVARISTO, 2017, p. 60).

O respeito que impunha Vó Rita deriva tanto da sua história enquanto parteira antiga da favela, quanto da sua própria personalidade amorosa, gentil e impossível de se ignorar, uma vez que ela estava sempre se comunicando com as pessoas ao seu redor ou então cantarolando. Ela possuía tamanha cortesia por parte dos habitantes da favela que até mesmo o cruel Fuinha se dobrava diante da figura da mulher “Diz que até o Fuinha tinha certo respeito por ela. Antes de Vó Rita ir morar com a Outra, só ela e o Bondade entravam em casa dele” (EVARISTO, 2017, p. 60).

Vó Rita é uma personagem que ilustra solidariedade, amor, cuidado. Por isso, assim que sua amiga chamada de Outra, uma vez que não sabemos o seu nome, adoeceu de hanseníase, a alegre senhora se dispôs a cuidar dela. Por conta desta decisão, Vó Rita se tornou uma figura menos ativa na vida pública da favela: não poderia mais realizar partos ou cuidar de outros doentes. As visitas na sua casa cessaram e ela também deixou de poder

visitar os demais moradores, dedicando-se apenas à sua amiga portadora da doença contagiosa que a envergonhava e assustava os moradores.

Vó Rita guardava tanto amor no peito! Também tinha mesmo o coração grande e só descobriu isto depois de moça. Um dia passou mal, o patrão era médico, exame para lá, exame para cá, ficou explicado por que, às vezes, ela se cansava tanto. Havia dias em que o coração parecia lhe querer sair pela boca. O médico disse-lhe que ela viveria pouco. Enganou-se. Lá estava ela, velha, mais de 70, de 80 talvez. Vó Rita era imensa. Gorda e alta. Tinha um vozeirão. Todo mundo sabia quando ela estava para chegar. Vivia falando. Nunca vi Vó Rita calada. Se não conversava, cantava. Boca fechada não entra mosquito, mas não cabem risos e sorrisos.

– Vó Rita, como anda o tempo hoje?

– Bom, filha! Muito bom! – Vó Rita, mas está chovendo tanto!

– O que é que tem, menina? Chuva é tão bom quanto sol... Era bonita Vó Rita! Tinha voz de trovão.

Era como uma tempestade suave. Vó Rita tinha rios de amor, chuvas e ventos de bondade dentro do peito. (EVARISTO, 2011, p. 21)

O amor da menina Maria-Nova por Vó Rita era tão grande que na véspera de sua saída da favela, venceu o medo e o asco a respeito da doença da Outra e visitou a simpática senhora, deu-lhe um abraço e conversou com ela. Ela e a Outra iriam para a Colônia, onde tratam pessoas com problemas do mal de Hansen, iria tanto para não abandonar a amiga quanto por poder ajudar uma vez que já tinha experiência nos cuidados com os doentes.

Na última noite da menina e sua família na favela, sonhou com Vó Rita, um sonho de maternidade que transmite o cuidado que a mulher grande e animada tinha com todos, sem distinção. Com o sonho que encerra a narrativa de Becos, pretendemos também concluir a exposição das experiências negro-femininas que dão vida a Becos da Memória e são foco deste trabalho.

“Vó Rita entrou devagarinho no quarto. De repente. Calada. Ela que não tinha a voz calada nunca, pois, se não estava falando, cantando estava; que nunca chegava de repente, pois se sabia de longe que Vó Rita estava chegando. E eis que ela chegou pé ante pé. Grandona, gorda, desajeitada. Abriu a blusa e através do negro lúcido e transparente de sua pele, via-se lá dentro um coração enorme.

E a cada batida do coração de Vó Rita nasciam os homens.

Todos os homens: negros, brancos, azuis, amarelos, cor-de-rosa, descoloridos...

Do coração enorme, grande de Vó Rita, nascia a humanidade inteira”. (EVARISTO, 2011, p. 122-123).

4. A SOLIDÃO E A HIPERSEXUALIZAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL

Ser mulher negra no Brasil, por si só, é um grande ato de resistência. O perfil excludente da sociedade capitalista pautada na ascensão socioeconômica oportunizada para pouquíssimos torna a vida da população menos favorecida – na qual a população negra integra a maioria – praticamente de destino traçado e, quando o indivíduo dessa população é uma mulher de cor, torna-se ainda mais evidente e certo a perpetuação do ciclo da pobreza.

Adolescentes mães tendem a abandonar os estudos para criarem seus filhos, e têm três vezes menos oportunidades de conseguirem um diploma universitário, segundo o relatório do UNFPA e ganham em média 24% a menos do que mulheres da mesma idade sem filhos, segundo o mesmo estudo. (FEBRASGO, 2021 p.1)

Lelia Gonzalez (2020) afirma que a discriminação tanto de sexo quanto de raça torna a mulher negra o segmento mais oprimido da sociedade brasileira, uma vez que representa o extremo oposto do dominante homem burguês branco. Além disso, a recorrência de casos de infância e adolescência interrompidos pela precoce chegada das preocupações da vida adulta, substituindo a rotina escolar pela rotina de trabalho, prejudicam este grupo social na busca por melhores condições de emprego e renda, uma vez que dificilmente conseguem retornar às salas de aula e concluir o ensino básico.

Em uma pesquisa que realizamos com mulheres negras de baixa renda (1983), constatamos que muito poucas entre nossas entrevistadas começaram a trabalhar já adultas, Migrantes na grande maioria (principalmente vindas de Minas Gerais, do Nordeste ou do interior do estado do Rio de Janeiro), e muitas vezes já tendo "trabalhado na roça", entravam na força de trabalho por volta dos oito ou nove anos de idade para ajudar em casa". Desnecessário dizer que, nos centros urbanos, começavam a trabalhar "em casa de família", além de tentarem frequentar alguma escola. Pouquíssimas conseguiram "fazer o primeiro primário". Um dos depoimentos mais significativos para nós, o de Maria, fala-nos das dificuldades da menina negra e pobre, filha de pai desconhecido, em face de um ensino unidirecionado, voltado para valores que não os dela. E, contando seus problemas de aprendizagem, ela não deixava de criticar o comportamento de professores (autoritariamente colonialistas) que, na verdade, só fazem reproduzir práticas que induzem nossas crianças a deixarem de lado uma escola onde os privilégios de raça, classe e sexo constituem o grande ideal a ser atingido, através do saber "por excelência" emanado da cultura "por excelência": a ocidental burguesa. (GONZALEZ, 2020, p. 100)

Os dados do IBGE (2021) apontam que enquanto a frequência escolar de uma menina branca passa dos 40%, a referente a mulheres negras ou pardas revela apenas 22%. Os motivos são os mais variados, a inserção no trabalho informal, a necessidade de ficar em casa para executar os afazeres domésticos e cuidar dos irmãos mais novos, a desistência por conta da longa distância até a escola, dentre outros. Lélia ainda aponta outra questão, que inclusive Evaristo ilustra na vivência de Maria-Nova: a não identificação com o conteúdo ministrado em sala de aula.

Isso ocorre porque a perspectiva educacional ainda é extremamente pautada no colonialismo. A visão que impera a respeito do povo negro ainda é a da história contada a respeito do período de escravidão, nada além. Os aspectos culturais, as grandes sociedades antigas e contemporâneas, a própria noção do que é África, um grande continente heterogêneo com suas histórias de disputas, heróis, vilões, línguas, filosofias que divergem entre si, não um país único, pobre, pouco estruturado, passivo e dependente de nações benfeitoras, como propaga o senso comum da população ocidental, como pontua Chimamanda Adichie (2009) ao relatar sua própria vivência após se mudar para os Estados Unidos:

“Devo dizer que, antes de ir para os Estados Unidos, eu não me reconhecia conscientemente como africana. Mas, naquele país, sempre que a África era mencionada, as pessoas se voltavam para mim. Não importava que eu não soubesse nada sobre lugares como a Namíbia. Passei a aceitar essa identidade e, de muitas formas, agora penso em mim como africana, embora ainda que bastante irritada quando dizem que a África é um país. O exemplo mais recente disso foi num voo da Virgin, maravilhoso em todos os outros aspectos, que peguei em Lagos dois dias atrás, durante o qual falaram de obras de caridade feitas ‘na Índia, na África e em outros países’”. (ADICHIE, 2009, p. 11)

O resultado desse desconhecimento a respeito sobre o continente africano e a sua história, reduzindo assim os africanos a mera população escravizada e por isso subalterna, inferior, incapaz de dominar ou resistir, gera, nos afrodescendentes, a baixa estima. Pode-se afirmar, então, que há uma falta de representatividade dentro dos conteúdos da educação básica quando se refere às populações de cor e, especialmente, à população negra. Entretanto, não para por aí: a falta de representatividade não é sentida apenas nesse âmbito, nem mesmo na infância. Chama a atenção, ainda no espaço escolar, a falta de professores negros, uma realidade que felizmente vem sendo alterada nos últimos anos, através do maior acesso de pessoas de cor às universidades públicas e privadas do país por conta das Ações Afirmativas.

Além disso, a pouca comercialização de bonecas e bonecos negros ou de características fenotípicas negras como o cabelo crespo, bocas e narizes largos, olhos escuros, e outros, proporciona a criança o sentimento de não pertencimento e identificação. Assim, os padrões de beleza branca são reforçados através dos brinquedos de pele clara, lábios rosados, cílios longos, olhos azuis e cabelo – mesmo no caso das populares bonecas bebês que possuem apenas uma mecha – liso e loiro, geralmente num tom extremamente claro, de modo a não permitir que nenhuma criança negra consiga se identificar com seus estimados brinquedos, fantasiando assim um mundo branco no qual costumeiramente não o inclui.

O perfil de imposição de uma dominância branca na representatividade ainda se torna mais tangível quando, ao pintar um desenho, a cor rosa-claro, ou também chamada de “salmão” vira a popular “cor de pele”, e assume essa função na maioria dos desenhos infantis, enquanto a cor marrom não recebe o mesmo tratamento, marrom é marrom, não cor de pele, e por isso se detém mais em elementos como cabelos, troncos de árvores, terra e rochas.

O fim da infância e início da adolescência é marcado pelas mudanças entre uma fase e outra, mudam-se gostos, comportamentos, ciclo social e a forma como se lida com ele, as atividades e os assuntos cotidianos. Alguns dos conflitos supracitados ficam para trás, entretanto, outros surgem e, no caso da mulher negra, as questões envolvendo seu corpo e sexualidade tendem a surgir violentamente desde essa transição, acompanhado comumente de problemas como baixa estima, experiências precoces, deturpação da própria imagem, desvalorização de si e das suas características naturais (pele, cabelo, formato do corpo, rosto, nariz, etc). Além disso, a sexualização de crianças negras torna-se comum e as deixam à mercê da violência sexual, como ilustrado no conto de Lélia Gonzalez, *Mulher negra: Um relato*.

Tinha treze anos já e se tornara demasiado saudável e atraente para os olhos do irmão mais moço da madame, que tentou agarrá-la. Quando a viu assustada, chorando e contando o ocorrido, a patroa olhou-a desconfiada, pegou suas roupas e devolveu à mãe. Não conseguia entender por que a madame ficara tão zangada com ela. Que foi que fizera de mais pra ser chamada de assanhada? Ah, essas madames são mesmo complicadas...” (GONZALEZ, 2020, p. 174)

No conto, a protagonista havia saído do interior onde ajudava a mãe no trabalho na roça e ido morar no Rio de Janeiro com a família, lá, foi morar numa casa elegante de família rica, onde prestava serviço doméstico, até que, aos 13 anos, sofreu uma tentativa de assédio e por isso foi demitida. Após este evento, arranjou outro trabalho, cresceu, iniciou sua vida de

lazer noturno nos bailes da favela, onde conheceu um homem pelo qual se viu perdidamente apaixonada. Teve com ele dois filhos, o primeiro foi bem recebido e registrado pelo pai, o segundo não recebeu o mesmo tratamento, pois o homem já estava com outra mulher. Neste conto, ilustra-se a vida de uma mulher negra que teve vida pobre e pouquíssima instrução, sequer sabia ler, entretanto, muito trabalhadora, um retrato comum das mães de família pobre, que não contaram com o apoio de seus parceiros.

Além do assédio, as questões físicas com o corpo de uma adolescente negra também perpassam pela aparência. A menina que cresceu se sentindo alheia ao mundo que vivia, sem representatividade, cresce acumulando essas inseguranças e, com o início do processo de maturidade, costumam revelá-las: o alisamento do cabelo, que vem ocorrendo cada vez mais na infância, entre os 9 ou 10 anos, é um dos sintomas mais expressivos.

No Brasil, até a década dos anos 2000, esta era uma prática comum de meninas e mulheres de cabelos cacheados ou crespos. Esta realidade passou a apresentar mudanças quando com a maior democratização do acesso à internet possibilitou também a popularização dos blogs e dos vlogs. O surgimento de blogueiras cacheadas e crespas dedicadas a falar sobre seus cabelos, aceitação e cuidados despertou não só a coragem para muitas pessoas assumirem seus cabelos naturais e passar pela chamada transição capilar, como também das marcas de cosméticos de produzir linhas específicas para cabelos cacheados e crespos, produtos até então pouco comercializados e popularizados.

Assim como o até então pouco interesse das empresas de cosméticos de pensar linhas e produtos voltados para cabelos cacheados ou crespos, encontrar produtos para pele negra também é um desafio ainda a ser vencido. A maioria das linhas de produtos de cobertura da pele (bases, corretivos, pós), sequer chegam a tons mais escuros de pele, deixando assim boa parte da população negra sem acesso a estes produtos. Chama também atenção essa falta de variedade de tons e subtons para a população negra quando se compara com a quantidade de produtos de uma mesma linha atendendo a uma grande variedade de tons de pele clara.

Quanto às marcas que fazem a tentativa de incluir no seu catálogo produtos de cores voltadas a peles negras, sejam mais claras ou retintas, não é difícil encontrar críticas entre aqueles que trabalham com maquiagem e a população negra em geral. Isso porque erros envolvendo problemas de cobertura e subtons de pele que realmente chegam à realidade dos usuários são comuns. Tal fator demonstra também a falta de conhecimento e principalmente de vivência dos fabricantes que, por desconhecerem o comportamento as nuances da pele

negra, acabam por fazer produtos fora da realidade da cor dessas peles, evidenciando, portanto, a falta de pessoas negras dentro da produção e testagem do material. A ausência de representatividade negra nos espaços pode afetar, portanto, a qualidade do serviço prestado a essa população, como foi e ainda é o caso dos setores industriais de aparência e beleza.

“Ano passado eu criei 'o tom mais escuro', uma série de vídeos que mudou, eu diria, a maneira como muita gente percebia a maquiagem para pele negra [...]. No quadro, eu testo as bases mais escuras das marcas e falo o que precisa ser dito. Se antes quando alguém falava de pele negra, o que vinha na sua cabeça era alguém no máximo com o tom de pele próximo ao meu [uma pele negra de tom mediano], eu aposto que você passou a considerar outras possibilidades, como por exemplo alguém tão escura quanto Joyce, a modelo que participa dos testes aqui no canal. Foi somente com esse contato mais direto, duradouro e profundo [...] com outras pessoas de pele retinta que eu percebi que a situação para esse público está muito pior [...] e muitas marcas simplesmente vendam os olhos para nossas pautas". (SANTOS, 2019)

A fala é do jornalista e maquiador profissional Tássio Santos, dono do canal na plataforma YouTube chamado Herdeira da Beleza. Nos seus vídeos, Tássio busca discutir e dar dicas a respeito de maquiagem com enfoque na pele negra, destacando os problemas e dificuldades encontradas para pessoas de pele negra, principalmente as mais retintas, com relação a tons e subtons de maquiagens destinados a pele negra – ou a falta deste produto destinado ao público de pele escura.

A autoestima reflete diretamente na forma como o indivíduo se relaciona com o mundo, com as pessoas ao seu redor e consigo mesma. Sendo assim, o sentimento que é gerado pela desvalorização da mulher negra enquanto pessoa, enquanto indivíduo merecedor de afeto, admiração, gentileza, confiança, de amor e de relacionamento sério torna essas mulheres inseguras consigo mesmas, refletindo, dentre outros aspectos, na aceitação de tratamentos desagradáveis, seja em relações de trabalho, durante um atendimento presencial, nos relacionamentos amorosos e convívios sociais cotidianos.

A vida da mulher adulta, no tocante a essas relações, fica ainda mais evidente. Com a tomada de consciência e responsabilidade integral que vem juntamente com a nova fase, as dificuldades outrora enfrentadas e as novas começam a fazer mais sentido, vindo à tona geralmente através da tristeza e raiva. A pobreza, a condição de vida precária comparada com a boa condição dos patrões, a preocupação constante com o futuro dos filhos e com a manutenção da casa são pensamentos cotidianos na vida de uma mulher negra que vê na sua vida a perpetuação do ciclo da pobreza. Este é um assunto central na vida de Ditinha,

personagem de Conceição Evaristo na obra que é centro da discussão deste trabalho, e também é peça central dentro da vida da protagonista do conto supracitado de Lélia Gonzalez.

Uma vez que impera ainda na sociedade brasileira resquícios de pensamentos do período colonial, a expressão do sentimento de descontentamento de uma mulher negra é vista com desconforto e maus olhos. A imagem que a literatura, as propagandas, as produções ficcionais e o imaginário populacional geraram a respeito da mulher negra é de alguém que é “manso”, termo muitíssimo utilizado para descrever animais bem domesticados ou que não oferecem riscos a quem se aproximar deles, tornando a escolha da palavra ainda mais própria para descrever o contexto permissivo à mercê da vontade alheia que se construiu para figura negro-feminina. Passiva principalmente para acatar ordens, como era obrigada durante o período do trabalho escravo, e para o sexo, quando era envolvida num ato sexual com algum de seus senhores através do sofrimento do estupro, no qual acabava por assumir qualquer culpa e risco, devido a sua situação de escrava-coisa, objeto para o trabalho e para o prazer do senhor.

O termo “mansa” revela, portanto, aquilo que se espera de uma mulher negra. Que a mesma acate de forma pacífica aquilo que lhe foi mandado, falado, sofrido. Que ela não ofereça resistência ou ameaça, seja ela física ou quanto a reputação do outro – uma vez que a reputação da negra sequer importa. Por conta desse pensamento, em situações onde é essa mulher denuncia ou não aceita abuso, seja ele de autoridade, verbal, sexual ou de qualquer outro cunho, tende-se a duvidar vocês plantar com a atitude da mulher, transformando-a em uma provável mentirosa, aproveitadora, chantagista ou criminosa. A mulher que não é receptiva com atitudes e falas alheias, ou que tem uma postura considerada mais séria, também facilmente encontra no seu convívio pessoas incomodadas com seu jeito de ser e viver, passa, portanto, a ser criticada e considerada orgulhosa, prepotente, como é demonstrado no conto de Lélia González.

“E ainda chamam a gente de orgulhosa só porque a gente traz os filhos limpinhos, não vive por aí mostrando os dentes pra qualquer um e não pede nada a ninguém. Só porque a gente vive do trabalho da gente, sem homem pra ajudar nem nada e tendo que sustentar mãe e três filhos. Só porque a gente se dá com um vizinho ou outro, afora os parentes, chamam a gente de besta. Só porque a gente não se mete na casa dos outros pra bisbilhotar. Só porque a gente não fuma e nem bebe, a gente é orgulhosa? Como é que a gente pode ir pros ensaios do bloco se a gente vem tão cansada do trabalho e nem lembra mais o que é dançar? Ainda mais agora, com aquela quadra fora do morro, cheia de gente bacana que nunca soube o que é vida de favela, pra que é que a gente vai lá? As crianças bem que gostam, mas são crianças.

Pra elas tudo é motivo de brinquedo. Mas a gente que tem responsabilidade de cuidar delas, do futuro delas, da escola, da casa, da comida e da saúde delas, a gente não pode ficar aí igual quando a gente era mocinha.

E, sentada na porta do barraco, continuou mergulhada naqueles pensamentos, perguntando pelo porquê de tantas coisas. Quem a visse de longe talvez se perguntasse o que aquela figura trágica lembraria. E a resposta não era difícil de encontrar: a mulher-sentada-na-porta-do-barraco era a própria Solidão”. (GONZALEZ, 2020, p.177-178)

A solidão a qual a autora ilustra através da construção da vida de uma mulher negra fictícia, desde seu nascimento até a fase adulta, é formada por situações comuns dentro da memória coletiva da vida de mulheres em situação de pobreza. Dentro do conto de Gonzalez, é construída, em toda as fases da existência da personagem, elementos e situações nas quais ela se viu só, mesmo não tendo consciência disso: quando deixou de viver o ambiente e a socialização escolar por não poder frequentar a sala de aula, quando saiu de sua conhecida rotina para tentar a sobrevivência e melhores condições na cidade grande com sua família, e quando foi apartada dela no momento em que foi para a casa de uma família rica trabalhar, ainda durante a infância ou início da adolescência.

Definitivamente se sentiu sozinha e acuada quando aos 13 anos sofreu uma tentativa de abuso sexual e não foi acolhida, mas sim mandada embora do seu “emprego” e, após encontrar seu primeiro amor, com quem teve dois filhos e viu o segundo ser desprezado assim como ela, por ele ter encontrado outro amor, sentiu-se só na vida e na família. A solidão se fez presente quando, todos os dias, letras amontoadas falavam com ela e ela não conseguia entendê-las, uma vez que não pôde ir à escola aprender a ler, e também quando a sua vizinha exclamou “não gostar de gente preta”, quando o seu filho teve uma infantil discussão com o filho da outra. A partir de então, já na fase adulta, mãe, empregada doméstica, se acostumou com a solidão, não reclamava mais, apenas vivia, sentia e ressentia suas memórias e sua vida.

A solidão da mulher negra é um termo utilizado academicamente para abordar os temas referentes a exclusão histórica deste grupo, como comenta a cientista social Claudete Souza:

“Ao me debruçar sobre a historicidade da mulher negra, vejo que sua trajetória, a partir da ruptura diaspórica africana até a contemporaneidade, foi permeada pela solidão. Também sempre foi demarcada por sucessivos revezes nas lutas de resistência contra as políticas de dominação escravagista, de segregação e exclusão social, de assunção unilateral de responsabilidades familiares, de encontros e

desencontros dialógicos amorosos na convergência do pertencer ou não pertencer, no direito do ser ou não ser. Senão, observe-se que essa mulher ao chegar ao Brasil, vinha de uma situação totalmente diferenciada, com um livre transitar dentro de uma condição de autonomia e reconhecimento cidadão entre o público e o privado. Na sua África, na organização sócio-econômica tribal, era-lhe facultada a liberdade de ir e vir do ponto de vista de sua mobilidade social e econômica, explicada pelo modelo de construção familiar poligínico, que na visão de Pierre Verger (1954, apud Bernardo), traz às mulheres maior independência do que no modelo monogâmico”. (SOUZA, 2008, p. 39)

A solidão da mulher negra aparece também quando como, no caso da menina Maria-Nova, sente-se desencorajada para se expressar diante da sua sala de aula, composta majoritariamente por pessoas brancas e onde só havia uma menina negra como ela, porém tal menina era alheia a tudo e a todos, portanto não despertava a confiança de uma aliada da pequena Maria. Quando todos os seus professores, médicos, artistas preferidos são todos tão diferentes dela, quando entra numa loja de cosméticos e não consegue realizar uma compra de maquiagem para seu tom de pele, quando, mesmo sendo bonita, não sente dessa forma e cresce desejando ter cabelos lisos, uma pele pelo menos um pouco mais clara e lábios menores pois eles só ficam bonitos em combinação com a pele branca.

A solidão da mulher negra, entretanto, encontra lugar cativo quando se trata de afetividade, iniciando nas diversas separações entre famílias e amores durante o sequestro que trouxe milhares de negros africanos para o Brasil. Moura (2004) destaca o relato a respeito de uma mulher em situação de escravidão em especial. Conta-se que a sua tristeza de ser separada de sua terra e ser enviada para o outro lado do Atlântico juntamente com sua filha foi a responsável por fazer com que a mulher definhasse a ponto de adoecer e posteriormente falecer. Isso porque havia descoberto que fora vendida pelo próprio marido, ainda em solo africano, o desgosto, o desamparo, a solidão fora tão grande a ponto de provocar-lhe o fim da vida.

“Raimundo Jalama, sujeito de probidade, digno de toda a crença, que conta oitenta anos de idade [...] me informou a respeito desta enfermidade, que no tempo da sua administração, e uns lotes comprados, tivera certa escrava com uma filha de idade de sete para oito anos; a qual escrava se entregara a um tal fastio, por efeitos do banzo, que nada queria comer, ainda se oferecendo-se-lhe as melhores comidas, assim do nosso costume, como as de seu país; para cujo fim tinha a cozinheira própria: e observando ele esta obstinação, pela filha, para isto insinuada, entrou a pesquisar o motivo porque a escrava se entregara ao banzo; e com efeito veio a adquirir a certeza de que seu marido, a quem tanto amava, a havia dado a ela com

ingratidão, à dura escravidão, e juntamente a sua filha tão estimada, como penhor da sua aliança. Sabida a causa, dispendendo-se os maiores agrados, promessas e realidades de bom trato, e até de liberdade; nada foi capaz de lhe desfazer esta imaginação. Á vista dos agrados na presença de muitas pessoas, que para eles concorriam, os seus olhos eram dois rios; de contínuo tinha a cabeça entre os joelhos; continuou a não querer comer; faleceu: e a sua filha foi estimada como a de uma heroína de banzo [...]”. (MOURA, 2004 apud SOUZA, 2008, p. 57)

A mulher negra, entendida como objeto de exploração no contexto escravista, fora constante vítima da exploração sexual. O resultado fora uma miscigenação forçada, os “mulatos”, negros geralmente de pele mais clara, na sociedade já liberta das mazelas do terrível período escravista, apesar de sofrerem com os efeitos do racismo, ganham um pouco mais de alívio por terem a expressão fenotípica de sua negritude “suavizada”. A mulata, dentro desse imaginário, herdou a objetificação da mulher negra, geralmente atrelada à figura do samba, do rebolado, do corpo “violão”, da sensualidade, portanto, objeto de diversão sexual para os homens, enquanto a mulher ideal para o matrimônio, almejada por homens de todas as esferas étnico-sociais brasileiras, sustenta-se sendo a mulher branca. Pinto (2004) discorre a respeito dos matrimônios realizados no Brasil no tocante étnico-racial e faz a seguinte interpretação:

“[...] são as brancas que compreendem o maior percentual de mulheres casadas; as pretas apresentam o menor percentual; e as pardas um índice intermediário. Ou seja, as chances de união variam de acordo com a cor da mulher. Pirâmide da solidão foi a denominação que a autora deu às seguintes conclusões: as mulheres, em geral, têm menos chances que os homens de ter uma união; a população preta casa mais tardiamente e com menor intensidade, e o celibato das mulheres pretas é mais acentuado. Os dados quantitativos apresentados permitem detectar alguns fatores que determinam essa situação, como o excesso de mulheres na população branca, o que provavelmente as levaria a competir com as mulheres pardas e pretas no mercado matrimonial”. (PINTO apud Souza, 2008, p. 58)

A solidão negro-feminina, portanto, perpassa por vários âmbitos da vida social e cotidiana, em todas as fases da vida. Expurgar esse sentimento e também superar os obstáculos são um exercício diário, para conquistar o bem estar, melhores condições econômicas, financeiras, trabalhistas e a oportunidade de ocupar espaços até então não ofertados a mulheres negras: dentro das universidades, dos hospitais como médicas, cantoras, atrizes, artistas de renome, nas propagandas, nas passarelas, nos cargos de chefia, no jornal do horário nobre dos canais de televisão. Essas conquistas são mérito da luta constante do

próprio movimento negro-feminino em busca de igualdade de gênero e raça, uma vez que, dentro dos movimentos negro e feminista, separadamente, não obtiveram muita voz, apesar de que a causa negra apresentou historicamente muito mais apoio e espaço às lutas de suas mulheres do que o feminista de suas negras.

Teoricamente, uma mulher negra estaria inserida tanto na causa feminista quanto na do movimento negro, afinal é uma pessoa negra do sexo feminino. Porém, as pautas de ambos os movimentos refletiam o oposto: o movimento negro, majoritariamente formado por homens, patriarcal e sem intenções de dar espaço para as vozes causas femininas, que são particulares às mulheres negras, e o movimento feminista chefiado e majoritariamente branco também não interessado em compartilhar da causa negra, particulares a essas mulheres de cor. A prática excludente de ambos os coletivos levou então a uma terceira necessidade de reivindicação, uma singular que atenderia as necessidades do grupo que fortalecia ambas as causas e não era fortalecido por nenhuma delas. Nasce, então, o feminismo negro.

Entretanto, um dos caracteres mais dominantes no pensamento brasileiro sobre a mulher negra no Brasil é a respeito da intersecção entre os dois grupos dos quais integra: se de um lado não recebe apoio de nenhum grupo militante, do outro, recebe, da sociedade, a discriminação ofertada a ambos. A combinação da sexualização, a sensualização e representação da fecundidade que estigmatiza a mulher, juntamente com a objetificação da pessoa negra por conta da cultura escravista existente no Brasil, tem como resultado catastrófico a hipersexualização da mulher negra.

A hipersexualização consiste no ato de atribuir conotação sexual a ações ou pessoas sem que essa proposta de fato ocorra ou se intencione ocorrer. Nesse sentido, uma simples locomoção a pé, uma pequena compra no comércio da esquina, uma roupa mais despojada em um dia de calor, podem, facilmente, dentro do imaginário cultural brasileiro, ser interpretados com malícia e desejo, sobretudo por parte da população masculina. A hipersexualização e a violência não escolhe idade, raça, aspectos físicos, condição socioeconômica, lugar para acontecer ou até mesmo sexo. Entretanto, vale-se ressaltar que quem sofre mais com estes atos de hostilidade no cotidiano são mulheres e com destaque para as mulheres negras.

Durante a infância, já é imposto às meninas negras padrões que as fazem desenvolver um constante sentimento de baixa estima e repressão da sua própria sexualidade. Mostra-se que o seu corpo negro não é o desejado pelos homens, que suas axilas mais escuras são

motivo de repulsa, que os mamilos negros são pouco sensuais, que a boca grande e escura é pouco convidativa, que a pele escura de sua intimidade é feia.

Mostra-se também que seu cabelo volumoso, crespo ou cacheado, quando grande e solto é feio, sinônimo de falta de higiene e autocuidado, e por isso necessita ser “domado” seja por penteados ou, para quem quiser “ficar mais bonita” por meio de alisamentos químicos, que geralmente agredem bastante a saúde dos fios. A menina chega então já nos primórdios da adolescência sentindo-se feia, sem atrativos, e por isso incapaz de um dia encontrar o amor, afinal, quem gostaria de atar um relacionamento com alguém tão sem qualidades quanto ela?

As questões com a cor da pele também são de extrema relevância. Tássio Santos, maquiador profissional negro já citado neste trabalho, em um de seus vídeos relata a respeito de um episódio que aconteceu em meados de seus 11 anos: em um dia que fora para a praia, voltou com a pele mais escura que o habitual por conta da exposição solar. A recepção daqueles que o conheciam, próximos ou não, foi alarmante: muitos demonstraram descontentamento ou preocupação com a pele do menino alguns tons mais escuros do que lembravam, não pela saúde de sua pele, mas sim por conta da cor que desagradou. Ele relata que a partir de então passou um período tornando-se extremamente refém do uso do protetor solar, não como uma ferramenta de cuidado e prevenção, mas como uma tentativa de se clarear ao máximo, oprimindo então seu próprio eu em convívio com a natureza em detrimento a tentar “melhorar” sua aparência através do clareamento. O caso de Tássio é uma constante na vida das meninas e mulheres brasileiras, uma vez que as cobranças estéticas tendem a vir mais cedo e com mais intensidade sob o gênero feminino.

São essas pessoas com mental enfraquecido a respeito de si próprias durante toda a sua vida que a cultura brasileira decidiu tomar como grande exemplo de sensualidade. À primeira vista tal situação pode parecer contraditória: afirmar que os aspectos de um corpo não são atraentes para logo depois afirmá-lo como exemplo de sensualidade, entretanto, são duas esferas distintas, o fato de o corpo ser considerado sexualmente atrativo não significa que ele seja valorizado, pelo contrário: no caso da mulher negra, essa sensualidade não acontece por conta da valorização do seu perfil, mas sim pela ideia hipersexualizada que se construiu a respeito de si, menos como humana e mais como objeto, não para ser apreciada, mas sim para ser usada. Em outras palavras, o corpo negro-feminino é sim apreciado, mas enquanto no exercício da sexualidade do outro, do homem, para o prazer do mesmo, não para ser admirado, querido, respeitado, almejado de modo afetivo, apenas carnal.

Enquanto as novelas do horário nobre continuam sendo protagonizadas majoritariamente por mulheres brancas, assim como os telejornais, filmes, séries, propagandas, a negritude dentro do espaço da mídia continua ocupando um espaço subalterno, mesmo que pouco a pouco algumas mulheres tenham nadado contra a corrente e conseguido não morrer na praia. A atriz Taís Araújo é uma dessas pessoas. Seu primeiro papel de protagonista, entretanto, chama a atenção: foi através da personagem Preta, na novela *Da cor do Pecado* que a artista assumiu maior tempo de tela na produção. Percebe-se, no nome da obra, a atribuição do corpo negro a esse significado de tentador, que leva à perdição, como sugere o termo “pecado”, a abertura também conta com cortes de cenas em foco em peles negras e suas curvas sinuosas, e seios de mulheres negras com ar de sensualidade, mais um caso de hipersexualização do corpo negro, mas não o único da TV aberta.

“Enquanto atriz, não escapei de situações em que fui associada a personagens de forte apelo sexual, estigma no qual a dramaturgia nacional enquadrava a mulher negra, como é o caso das personagens Xica da Silva; Preta, de Taís Araújo, na novela *Da Cor do Pecado*; a personagem Bebel, a fogaosa “mulata de catigoria”, de Camila Pitanga, em *Paraíso Tropical*; e a série de Miguel Falabella, *Sexo & as Negas*. Esses são apenas alguns dos exemplos existentes dentro de uma gama de personagens – de novelas históricas, romances e filmes – em que mulheres negras representaram personagens estigmatizadas e funções profissionais subalternizadas: mucama, cozinheira, empregadas e faxineiras domésticas, profissionais do sexo, etc”. (ANATOLIO, 2018, p. 16)

É sobretudo no período carnavalesco que a questão da hipersexualização da afrodescendente chega ao seu máximo. Como exposto anteriormente, a figura da mulata, que nada mais é do que uma mulher negra, está intimamente ligada ao samba e a sensualidade presente da dança deste ritmo popular em todo o Brasil. A dança que envolve sobretudo a constante movimentação do quadril e pernas combina perfeitamente com os trajes reveladores que costumam ser utilizados no período.

Durante os desfiles das Escolas de Samba, momento de gala do Carnaval, mulheres de corpos esculturais meticulosamente trabalhados na academia desfilam exibindo seus bronzeados – que neste momento passam a ser apreciados, gracejos para o público e um samba energético para a alegria de todos os espectadores. É neste contexto que a mulata se torna uma figura importante, querida e endeusada.

Quando se analisa a presença da mulata na literatura brasileira e na música popular, sua aparência física, suas qualidades eróticas e

exóticas é que são exaltadas. Essa é a razão pela qual e a nunca é uma musa, que é uma categoria da cultura. No máximo - como alguém já disse - ela pode ser uma fruta a ser degustada, mas de todo modo é uma prisioneira permanente da natureza. O estabelecimento definitivo do capitalismo na sociedade brasileira produziu seus efeitos na mulata: ela se tornou uma profissional. Mesmo agora não é reconhecida como um ser humano e nenhum movimento foi efetivado para restaurar sua dignidade como mulher. Ela foi claramente transformada em uma mercadoria para consumo doméstico e internacional. Hoje, mulatas são treinadas para se apresentarem em shows em casas noturnas. Essa é a demanda do mercado”. (GONZALEZ, 2020, p. 165-166)

A exemplo do que fora exposto por Lélia Gonzalez, temos a famosa Globeleza, figura já tradicional da Rede Globo de televisão, durante o período do carnaval. Trata-se de uma mulher negra, magra, de belas curvas e sorriso aberto, "vestida" somente com pintura corporal e brilho, que samba ao som da vinheta tradicional do período. Com o passar dos anos, a modelo/dançarina que realizava o trabalho como Globeleza foi se alterando a cada período, e chama a atenção o fato de que a cada mudança elege-se uma "mulata" de pele cada vez mais clara, além de se buscar também um padrão estético de um rosto mais "fino", com lábios menores e nariz arrebitado.

Tem-se, portanto, na mídia e na sociedade em geral, um constante apelo sexual envolvendo a figura da mulher negra, reforçando assim a percepção de senso comum do corpo feminino afrodescendente como hipersexualizado, mesmo sem o querer dos alvos de tal interpretação. A consequência disso é a constituição de uma população que ao mesmo tempo que se sente descontente com seu corpo, usa-o como ferramenta de conquista, por mais passageira que ela possa parecer, e também origina outra população: a que lida com a primeira de modo a objetificá-la, a tratar como um prazer também passageiro, momentâneo e divertido, porém sem seriedade ou compromisso, como a festa de carnaval. A mulher negra necessita, logo, ser e se sentir valorizada, vista além daquilo que a colonização impôs sobre si, afim de reverter a realidade de subjugamento contra a parcela social que é o extremo oposto do grupo dominante.

“A dimensão racial nos impõe uma inferiorização ainda maior, já que sofremos, como as outras mulheres, os efeitos da desigualdade sexual. Na verdade, ocupamos o polo oposto ao da dominação, representado pela figura do homem branco e burguês. Por isso mesmo constituímos o setor mais oprimido e explorado da sociedade brasileira”. (GONZALEZ, 2020, p. 109)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto neste trabalho monográfico, percebe-se que a proposta de literatura realizada por Conceição Evaristo não se limita a questões fantasiosas e imaginativas, mas abrange questões oriundas de uma memória coletiva a respeito da população negra no Brasil. Esta memória que não encontrou lugar dentro da literatura canônica nem nos livros de história, encontra na literatura feita por pessoas negras um espaço de inserção, divulgação e existência. Trazer a obra *Becos da Memória* (2011) para a discussão dentro do espaço acadêmico demonstra os frutos da dedicação da autora e de toda uma gama de escritores negros que lutaram para reivindicar seu espaço e direito de ser ouvido.

Quando uma escritora como Lélia Gonzalez cria uma figura sem nome e rosto, dá a ela uma história e mesmo sem elementos descritivos, conseguimos facilmente identificar que se trata de uma mulher negra, e quando, no fim do conto, ela é descrita como sendo a imagem da solidão, a autora busca dessa forma descrever situações e sentimentos que facilmente ocorreram e ocorreriam com uma mulher negra oriunda de família pobre.

O mesmo ocorre na literatura evaristiana, quando a mesma cria personagens cativantes e reais como Maria-Nova, inspirada no seu próprio eu-menina, e através dela discorre as inseguranças e questionamentos que perpassam pela mente de uma jovem que está começando a perceber e criar consciência sobre o mundo que vive e o local no qual se insere nele. Também quando fala de Mãe Joana, a mulher-solidão que criava seus filhos sozinha e jamais sorria, nem por dentro nem por fora, nem em momentos de festa.

Temas como a desvalorização da estética negra, como o caso de Ditinha, que se sente feia, odeia seu cabelo crespo e seus traços negroides, também são extremamente pertinentes a serem discutidos e refletidos em todos os espaços de discussões possíveis no Brasil.

É sintomático e alarmante se pensar não só o local que a mulher negra ocupa dentro da sociedade ainda muito machista, preconceituosa, sexista e racista, mas também o local que muitas vezes ela aceita ocupar. Não por indolência ou falta de vontade, mas por acreditar que merecia tal tratamento, crença que surge através dos incontáveis anos de lavagem cerebral a respeito dos “defeitos” do corpo negro, assim como para que ele serve: para o trabalho e para satisfação e lazer de corpos “superiores”, detentores dos privilégios e das maiores oportunidades socioeconômicas.

Limita-se a negra a seu corpo porque enquanto intelecto há uma constante negação das suas capacidades, reduzindo a sua figura humana “negra vagabunda”, “negra safada”, “negra preguiçosa”, como observa Dora, e por isso se encanta ao conhecer um homem que se auto apelidava de Negro, com orgulho, assim como ela também tinha orgulho de si.

Esse orgulho serve de grande inspiração, inclusive para Maria-Nova. Este, ao olhar desta pesquisa, é o maior legado da literatura evaristiana: o sentimento de orgulho despertado ao ver o povo negro, a favela, as mães em foco em um romance que conquistou o Brasil e o mundo, uma vez que já fora traduzido para outras línguas. Conhecer, orgulhar-se, identificar a própria vivência na literatura por muito tempo fora um privilégio branco, e felizmente pouco a pouco a literatura negra tem furado as barreiras da discriminação racial e conquistado seu espaço de prestígio.

O trabalho aqui realizado é, portanto, mais uma forma de pôr em destaque esse necessário universo de conscientização, amor próprio e superação das dificuldades e estereótipos enfrentados nas experiências negro-femininas na sociedade brasileira.

É preciso colocar em prática o ato de refletir a respeito do tema e executar mudanças para que a realidade exposta neste trabalho fique isolada no passado, não mais referente a um cotidiano cruel e violento para com a classe que, como argumentado, representa o extremo oposto dos dominantes homens brancos e burgueses. Sendo assim, encerro este trabalho fazendo um convite a repensar os moldes da nossa sociedade para com as mulheres negras, sobretudo as que estão em posições de vulnerabilidade econômica e social.

REFERÊNCIAS

- ANATOLIO, Danielle Cristina dos Santos. **Corpo Negro Feminino: Ressignificação em Performances de Mulheres Negras**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, 2018.
- BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História**. Petrópolis: Vozes, 2008. 4ª edição.
- _____. **História cultural e história das ideias**. In: Revista Cultura [Online], vol. 21. 2005. Disponível em <http://journals.openedition.org/>
- BELEZA, Herdeira da. **A descolonização dos cosméticos**. Youtube, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5AyCPXfi03U>>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- BELEZA, Herdeira da. **Marcas de maquiagem que deveríamos boicotar... Urgente!!!**. Youtube, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lWGGA2TC9ZU&t=829s>>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- BELEZA, Herdeira da. **Marcas de maquiagem que mulheres negras são donas**. Youtube, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rp4GWzVrk5M&t=266s>>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- BELEZA, Herdeira da. **Racismo em lojas de maquiagem... O que Rihanna tem a ver dessa vez?**. Youtube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ryFtOHs_FuY>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- BRASILEIRAS, Leituras. **CONCEIÇÃO EVARISTO | Escrevivência**. Youtube, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY&t=1202s>>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- BONDELÊ. **Bondelê #12: Resenha de Ponciá Vicêncio mais entrevista com a autora**. Youtube, 14 jul. 2017. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=FyZjFD5liOc>>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro, Editora Pallas, 2011.
- _____. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita**. In: revista do programa avançado de cultura contemporânea. Rio de Janeiro. 2005 disponível em <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/10/DA-GRAFIA-DESENHO-DE-MINHA-M%C3%83E-UM-DOS-LUGARES-DE-NASCIMENTO-DE-MINHA-ESCRITA-%E2%80%93-Revista-Z-Cultural.pdf>
- _____. **Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira**. In: Revista Palmares. 2005. (p. 52-57) disponível em <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>
- _____. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro, Editora Pallas, 2014.
- _____. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro, Editora Pallas, 2017.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996

LEITE, Café com. **Solidão e Hipersexualização da Mulher Negra**. Youtube, 26 nov. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YVVwZSpzk0s&t=335s>>. Acesso em: 20 ago, 2021.

MACHADO, Bárbara Araújo. **"Recordar é preciso": Conceição Evaristo e a intelectualidade negra no contexto do movimento negro brasileiro contemporâneo (1982-2008)**. Dissertação de mestrado. 2014.

NOVELINO, Maria Salet Ferreira. **Movimento feminista no Brasil no século XX**. In: Revista Feminismos. vol.6, N.1. 2018.

PINHEIRO, Fernanda Regina Martins. **"Ponciá Vicêncio", de Conceição Evaristo: atravessamentos identitários e experiências negro-femininas**. Dissertação de mestrado. 2020. Programa de Pos-Graduação em Letras - UEMA.

SILVA, Pâmela Guimarães; PILAR, Olívia. **A voz que incomoda a Casa Grande: a escrevivência de Conceição Evaristo e desobjetificação dos sujeitos pesquisados**. In: FREITAS, Viviane Gonçalves (org). **Intelectuais Negras: vozes que ressoam**. 2019.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. **A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. 2008**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

TV APARECIDA. **Conheça a história da escritora Conceição Evaristo**. Youtube, 10 mar. 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=9POX2gtfmFI>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

TV BRASIL. **Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural**. Youtube, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo&t=2610s>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

TV BRASIL. **O Trilha de Letras recebe a escritora Conceição Evaristo | Programa Completo**. Youtube, 20 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9lpOGN36WxA>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

TV PUC-RIO. **TV PUC-Rio: A "escrevivência" na literatura feminina de Conceição Evaristo**. Youtube, 16 mai. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=z8C5ONvDoU8>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

TV PUC-RIO. **TV PUC-Rio: Conceição Evaristo e o protagonismo da mulher negra**. Youtube, 12 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MpwqhJDXjmA>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

TV UFMG. **Literafro Entrevista - Conceição Evaristo**. Youtube, 28 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=36eCd7gQpsY>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

TV UFRB. **Conceição Evaristo - Abertura da Escola Internacional de Feminismo Negro Decolonial 2019**. Youtube, 31 jul. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZHMf0FqqTkk>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

VIEGAS, Elis Regina dos Santos. **A consciência de classe na perspectiva marxista: alguns apontamentos a partir da categoria docente**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná. 2013.